

MAC

Jibbe Willems

Tradução: Cristiano Zwiesele do Amaral

*Somewhere, over the rainbow, way up high.
There's a land that I heard of once in a lullaby.
Somewhere, over the rainbow, skies are blue.
And the dreams that you dare to dream
Really do come true.*

DOROTHY

“Passo em 1989 para o segundo grau, e logo depois cai o muro. Do outro lado dos tijolos se vislumbra um horizonte, enquanto o sol nasce no oriente. É época do *“The End of History”* e todo mundo está viciado na MTV. A partir de agora, tudo será possível, *no future* é trocado por *here we are now, entertain us!* Prometem-se mundos e fundos e ilimitadas possibilidades. Para chegar ao topo só preciso pegar o teleférico da estação de esqui, que o resto acontece por si só. Vou à escola assobiando e abro os braços para o futuro. Então, quando concluo o colegial, lá pelo outono de 2001, o Sol se põe no ocidente. Com um estrépito em dois movimentos, quase um aplauso, desmorona outra pilha de tijolos. Desta vez sem novos horizontes, só uma nuvem de poeira que escurece tudo. Todas as promessas entre nove onze e *nine eleven* se desfazem num único movimento. *Here I am, now entertain me! Entertain me! Entertain me!”*.

Mac

Deixai-me lamentar, deixai-me gritar,
deixai-me andar nu e descalço,
deixai-me chorar como um chacal,
Deixai-me roncar como uma avestruz.

MICHA (1:08)

Os americanos, esses, sim, entenderam o espírito da coisa. Descomplicados, com a sua mentalidade de *can-do-will-do* eles fazem mágicas. Se um americano se depara com algo que o contraria, já vai logo armando um barraco. Não pense você que ele vai primeiro dar uma volta no quarteirão. Nem fixar o olhar no umbigo à espera de que daí brote a resposta. Não: o americano, decidido, manda ver; ou se embrenha no problema com tal elã que o desembaraça, ou investe com tal força contra ele que acaba fazendo acontecer algo de diferente. Pelo menos, alguma coisa acontece. Mas, se também não acontecer, *then I'll fucking see you in fucking court 'cause I'll sue your motherfucking ass!* Se nós encontramos no nosso hambúrguer um fio de cabelo proveniente sei lá eu de que parte do corpo, deixamos estar o hambúrguer e voltamos para casa de estômago roncando. Ou então engolimos o tal pelo e fingimos que nada aconteceu. O que não mata, engorda, e o pelo, queira ou não, você acaba secretando com a merda. Antes a garganta arranhando o dia inteiro que lutar pelos nossos direitos. Vá lá saber se o pelo não estava mesmo onde tinha de estar? Você trate de fechar a matraca e engolir, mana! Não vai querer fazer papelão por causa de um pelo, vai? Afinal, o que é um pelo? Quase nada. Nada. Nada de pensar, engole logo. Mas o americano não cobre o sol com a peneira. O americano, se encontra um pelo no hambúrguer, já vai citando na mesma hora a *declaration of independence*, seguida da *bill of rights*. Afinal de contas, ele tinha ou não tinha o maldito direito a comer um maldito hambúrguer sem pelo, puta que o pariu? Quer o produto pelo qual pagou. Senão embolsará alguns milhões em indenização por danos imateriais. Nós, ao notarmos um pelo na hora de mastigar, pensamos: mastiga vinte vezes de bico fechado e engole. Já o americano, ao notar um pelo na hora de mastigar, pensa: uma mansão nas Bahamas, que, com alguma sorte, incluiria também um preparador de hambúrgueres profissional. Esse mesmo americano jamais voltará a encontrar um pelo nos seus hambúrgueres, enquanto que nós continuamos comendo pelo até o dia em que vomitamos um gato inteiro.

Eu gostaria de ser americana, dessas do tipo Venice Beach, por exemplo. Que correm diariamente pelo calçadão para manter a forma. Ou melhor, que correm, não, que patinam ao longo da praia e passam por você zunindo pelos ares. Isso mesmo. Eu me transformo então numa *roller-girl* e quando patino ao longo da praia, zunindo pelos ares, estou ciente de todos os olhos masculinos cravados no meu corpo. Os femininos, aliás, também: de admiração. Por eu ter este corpinho que tenho, bem cuidado e em plena forma. Por patinar todas as manhãs ao longo da praia. E por comer só produtos biológicos, porque é o que comem as mulheres do Venice Beach, que fazem de tudo para combater a deterioração física. Para elas, a disciplina está sempre na ordem do dia, é um *way of life*. E são otimistas, têm esperança, uma esperança muito concreta. Não essa esperança nossa, que mais roça o medo. Do tipo que fica apitando com uma vizinha num recôndito da mente e que diz: não conta com nada, garota, que, aí, tudo o que vier é lucro. Não. Os americanos sempre chegam onde querem: basta mergulharem de cabeça na ideia! O americano não pensa: “cheguei aos trinta, mas este mundo ainda não fez nada por mim”. Não, o que ele pensa é *GO!GO!GO!* Pensa “vocês me aguardem, e *there ain't nothing gonna stop me!*”. Assim é que eles pensam, os americanos, o que no meio tempo já virou fato notório, de maneira que eu estou aqui gastando saliva à toa. Nada é impossível. Fracassar não é opção. As crianças americanas não aprendem a andar, mas já a correr. Eu não: eu saltei a fase de andar e fui direto para a de tropeçar. Já eles andam com tal velocidade que um tropeço se transforma num mergulho de bico. Quando caem, voam. Andam tão depressa que nem conseguem parar para pensar nas coisas. Até pensar se dá neles de maneira digital, sempre em uns e zeros, em sins e em não. Desconhecem o “talvez” e as nuances contemporizadoras do “hum”, do “sei-lá-eu”, ou do “eu-ainda-poderia”, ou ainda do “talvez-seja-melhor”... Não, lá vão eles

mandando brasa que nem um computador, klik-klik-klik aventam as possibilidades e, tchan-tchan-nan-não, tomam a decisão. A vida é factível, o mundo é modelável e as estrelas estão ao alcance das mãos.

Se eu fosse americana me pegaria a mim mesma pelo cangote, me balançaria e me atiraria todas as manhãs dia adentro. Seria invencível. Como esta noite. Esta noite, eu fui invencível. Esta noite, bebi uma única taça de vinho tinto. Eu e o Espaço Vazio. Uma taça de vinho tinto na expectativa de passar estes dias, como amostra do que está por vir no fim de semana. Uma única taça, que não queria saber de acabar. Ao cabo da primeira garrafa, a minha taça estava ainda meio cheia. Ao cabo da segunda garrafa, já tinha me tornado invencível. E o Espaço Vazio começou a ficar excitado. Acontece sempre que ele... O Espaço Vazio é o meu – hum – como eu defino? – namorado. Ou melhor... o meu parceiro vitalício, ou talvez ainda... Enfim, o caso é que eu acordo todas as manhãs ao seu lado, o que me faz supor que ele seja o amor da minha vida. Pois é, ele ficou com um baita... tesão. O vinho funciona nele como baga de zimbro em elefante. Demora um pouquinho para surtir efeito, mas sai de perto quando ele começa a fermentar por dentro... Eu também estava... tinha acabado uma taça, estava me sentindo ótima com as bochechas coradas, e um recheio viria bem a calhar; pensei tudo bem que é quinta-feira e que o que eu melhor faria era dormir, mas, olé!, me atravessa com o teu espeto contra o armário da cozinha, *pequeño matador de mi corazón*. Daí começa a ficar me pegando, e eu vestida com uma dessas peças com botões que chegam até aqui; de qualquer maneira, botões demais para dedos alcoolizados; enfim, aí ele fica com pressa e me esmaga contra a pia, até que eu sinto alguma coisa estalar, uma vértebra ou algo de tipo, e grito AI! Nisso ele vai arriando as minhas calças e começa a dar trombadas contra mim; sei lá eu, vai ver que para ele são as preliminares, e me cutuca com a fivela do cinto, dando contra a minha... pois é, e as minhas vértebras estalam a cada investida contra a pia, enquanto ele fica ali... me violando, e eu, esmagada entre metais, olhando para o seu rosto torcido, que tenta expressar o desejo animal, mas que mais se parece com o de um castor retardado que vê se abater sobre si a árvore que ele vinha roendo; eu, não podendo evitar, solto uma gargalhada. E se há uma coisa que transforma uma ereção num pudim mole de carne é uma mulher rindo. Regra básica para o sexo espontâneo: jamais ria dele.

Qual é, por acaso estou fazendo de mau jeito?

E eu penso, Deus do céu, só falta agora ele falar, que é tiro e queda para secar a lubrificação e se fecharem as portas do salão, aí, antes daquela expressão de castor se apagar completamente do rosto dele, aí eu digo então, “não é isso, meu bem, você só está sendo um tiquinho rude. O bichinho é delicado, você pode acabar amassando”.

É essa porra que você está vestindo, essas suas roupas são mesmo o fim da picada.

Eu sei que o ponto em questão pode ser desagradável. Sei que posso implicar e que podemos passar as horas subsequentes brigando (*Não, brigando não; simplesmente acontece de a gente estar levando um papo em que a gente coincidentemente diverge de opinião. Isso não se chama briga, se chama discussão*) por conta de os botões não terem mínima razão por que entrar na história, afinal de contas, as minhas calças ele já tinha arrancado. Sei que não posso dizer que não me agrada o tom de voz dele (*Tom? Que tom é esse que você tanto ouve? A minha voz não tem tom nenhum, eu me limito a dizer e ponto. Tudo bem: agora, sim, eu assumi esse tom que você queria.*) Sei que não devo perguntar o que ele quer dizer (*E eu não digo exatamente o que quero? Se quisesse dizer outra coisa,*

diria. Tom? Coisa da tua cabeça!). Eu sei que devo inspirar devagar, expirar devagar, tão tranquilamente que, se ele ouvisse, acharia que eu estou suspirando (*Por que é que você está suspirando desse jeito? Por que é que você sempre complica tudo? Eu aqui sendo espontâneo, para variar, e você implica. Se solta e deixa a coisa acontecer, garota!*). Assim sendo, eu inspiro devagar, depois expiro devagar, lanço a ele um olhar submisso e, com a minha voz escalando uma meia oitava, digo então “Não fica mais fácil se eu mesma tirar para você, meu bem?”.

O rosto dele volta a assumir a expressão de castor.

“Olha só onde está o meu bichinho delicado”.

“Delicado, não. Tesudo”.

“Pois é, aqui é que está o meu bichinho tesudo, aqui, as minhas mãos tesudas, cheias de dedos tesudos”.

“É um bichinho nojento”.

A cara de castor se anuvia com algo parecido a vingança; mas a vingança enfeia os homens, o que me excita de alguma maneira. As portas do salão se escancaram de novo, os trombonistas já saem para a rua, a postos para entoar uma aleluia.

Que nojo.

É, o bichinho é mesmo imundo. Nunca vi igual em toda a minha vida. Não vai escapar de levar o banho do século qualquer hora dessas.

‘Tá aí, dá um banho nele.

“Vou dar”.

Deixa me dar banho em você. Eu tenho um chuveirão aqui nas calças, com uma boca enorme, para lavar esse seu bichinho imundo e tesudo. Vem cá desembulhar o chuveirão com esses seus dedinhos imundos e tesudos.

Puxo o cinto dele com força, quase arrebento o zíper, e as calças caem sobre os tornozelos.

Como dá para ver, não está acontecendo nada.

Aí está ele como um cachorro ao meu lado, com o rabo entre as pernas, na expectativa. É claro que alguma iniciativa ele vai tomar. Costuma ter de esperar com tanta frequência que chega a pensar que se surpreenderá quando a vida terminar. Já?! Quer dizer que a gente já tinha começado? Aí então ele tossirá e, tossindo, dará o seu último suspiro. A tosse lhe arranhará a garganta e ele morrerá. Que pequena consegue ser a morte: um arranhar na garganta! E ele, diante de mim, com tanta cara de castor e de trouxa e sem rabo para abanar entre as pernas que solto outra gargalhada. Perdão, mil vezes perdão.

Qual é agora?

E eu o querendo agarrar. Querendo fazer com que ele cresça e que o castor dome o meu bichinho; manda ver no chicote, me machuca!

Eu aí é que não entro.

“Como é que é?”.

O bichinho está todo sujo. Fede. Fede a bicho morto. Fede a decomposição, não há sabonete que dê conta do recado. Vamos ter que embrulhar o bichinho para erradicar a podridão antes que ela se espalhe. A podridão é contagiosa. Se bobear você me faz apodrecer também. Assim sendo, vamos logo empacotando antes que seja tarde demais.

Pega da gaveta do armário da cozinha um rolo de plástico para preservação de alimentos.

A gente plastifica o bicho para dilatar um tiquinho o prazo de validade. Para evitar que ele contamine o resto das mercadorias.

“Eu não sou sanduíche”.

Você está apodrecendo. Quando você menos esperar, vão começar a sair uns vermes do teu bichinho e aí já vai ser tarde demais para remediar. Mãos à obra agora que a gente ainda pode.

Eu sou um sanduíche. E, se não conseguir achar uma boca ávida para me abocanhar, a solução é me preservar. Ele enrola o plástico ao redor da minha... cintura, e me ata as pernas com movimentos de oito, para examinar então o resultado.

Pois é, não é o ideal, mas é a melhor coisa que a gente pode fazer a tão curto prazo, diz ele. Mais para frente a gente vê o que faz, o negócio é dormir tranquilo esta noite.

E com as calças arriadas nos tornozelos, vai coxeando até o dormitório. Não dá nem um minuto que eu começo a ouvir os roncões. Eis que, de repente, me sinto bastante menos invencível que antes.

Isso não aconteceria com uma americana. Ela esparramaria o seu corpo perfeito sobre a mesa da cozinha e, no mesmo suave movimento, se deixaria penetrar. Abriria um sorriso de dentes brancos, tão largo que o conjunto cintilaria; o coração batendo no mesmo ritmo das investidas. A cada vez mais forte, a cada vez mais rápido. E ela gozaria antes mesmo de ter pensado em orgasmo e, enquanto acontece a coisa, que vai se repetindo uma, duas, três vezes, ela logo perde a conta, a câmera desfoca e começam a aparecer sobre a tela os letreiros finais, já que para a americana todas as noites acabam com um *happy end*.

Eu estava na copa com um rolo de plástico de cozinha enrolado em volta da cintura, mas consegui achar uma das extremidades. Subi as escadas trançando as pernas e despenquei sobre a cama. Só mesmo o sono daria conta de pôr um fim àquela noite.

...

Mas o sono celeste é um verdadeiro cafajeste. Basta você precisar dele para ele não vir. Fica espregando com uns olhos cor de carvão, as unhas escondidas nas patas enquanto ele se lambe. E, já no ponto de entregar os pontos, quando você já se afez à ideia de que vai passar o resto da vida com insônia, cansado e com insônia, eis que o sono então monta sobre você por trás e crava os

dentos no seu pescoço. Rasga as suas carnes e injeta um sonho no seu sangue, como uma *overdose* de heroína num dependente químico.

Um sonho em que você figura no papel da Dorothy no Mágico de Oz, com a *yellow brick road* como uma corda no pescoço. Pode ir sapateando com esses seus saltos altos o quanto quiser, que chegar em casa você não chega. Vai, sim, é acabar no fundo de um beco sem saída, contemplando a *Emerald City*. Aí é quando o covarde do leão vai apoiar uma arma sobre as suas omoplatas e puxar o gatilho.

A noite tem o poder destrutivo do disparo de uma arma, e você sucumbe ao dia que chega, gravemente ferido. Porque no seu peito não bate um coração, mas tiquetaqueia um despertador cujas agulhas se recusam a parar de girar. Porque é o que se deve fazer: levantar da cama e enfrentar o dia. E, enquanto você se agarra ao travesseiro, a tábua de salvação que deve impedir que você se embebede logo pela manhã, o sonho se polvilha nas suas pestanas.

...

Os americanos não sofrem de ressaca. O americano consegue mandar ver e esvazia um tanque de combustível num dia, para correr a maratona de Nova Iorque no dia seguinte. Descalço. Eu, não. Não tenho forças nem para ir me arrastando até o banheiro. Deveria ficar na cama e me enfiar até à cabeça debaixo do cobertor como se do dia se tratasse. Mas tenho que me levantar. Desde as sete da manhã, já calei o despertador três vezes, e tenho que ir trabalhar. Só mais um dia sorrindo, para eu me mergulhar de cabeça no fim de semana. Mas, antes de mais nada, tenho que me levantar. Ao calar o despertador pela quarta vez, o Lugar Vazio me dá uma cotovelada.

Você não tem que ir trabalhar?

Claro que tenho, seu imbecil, sei melhor que ninguém. Fico com vontade de cravar as minhas unhas no peito dele e abrir uma ferida que vá até as partes baixas. Estou hoje de manhã com um desejo enorme de começar o dia com tanta violência que o que vier depois só pode ser fichinha. Vejo sobre o travesseiro uma mancha vermelha e sinto na boca gosto de sangue estragado, o que me faz pensar por alguns segundos que a bala do disparo no sonho atingiu de verdade os meus pulmões. E que, entre sonho e vigília, vomitei tanto que pus a minha alma para fora. A mancha úmida fede a vinho azedo. Um arrotó ácido, nada mais, um punhado de vômito enquanto eu estava dormindo.

Assim você vai chegar atrasada.

Se eu fosse americana, não ficaria primeiro sentada na beirada da cama, lutando contra a náusea enquanto acendo um cigarro. Iria correndo jogar uma água no corpo. Não que uma americana precise tomar banho, porque as americanas nunca fedem. O suor delas é sempre fresco e servem só para fazer a pele brilhar.

...

Pego no sono no banheiro. Tinha encostado a cabeça confortavelmente no travesseiro, e acabei dormindo enquanto mijava. Mijo e durmo e sinto todo o calor concentrado na região entre as pernas, descendo pelas coxas, pelas canelas, querendo alcançar os dedos dos pés na forma de pequenas descargas elétricas.

SOU BOMBEIRA

APAGO COM A MINHA BOCETA O MUNDO EM CHAMAS

CONDUZO O CALOR PARA ENTRE AS MINHAS PERNAS

E SUGO O FOGO QUE VEM DE BAIXO.

Agarro o sono pelo cangote, finco o salto do sapato no tórax dele e o pisoteio. Mas com o sono é assim: ele nunca se dá por vencido; quanto mais você pisa, mais prazer ele sente. É aí que eu percebo que ainda estou com as calcinhas feitas de plástico de cozinha. Mijei nelas como se fossem fralda, e ninguém vem me limpar.

Então eu me arrasto da privada até o chuveiro, deixando atrás de mim uma trilha de gotas de urina e lavo a noite da cara, enxáguo o que resta em mim de imundície e os grumos de sono. Lá estou eu tomando café da manhã – café, jornal – quando me chama a atenção um artigo curto, algo de inesperado.

Um certo homem, na natureza selvagem de sei lá eu qual parte do mundo, acaba tendo a perna prensada por um tronco de árvore. Tinha estado esperando socorro por dois dias, a comida tinha acabado, a água tinha acabado, e ele estava ciente que morreria sem rever os entes queridos. Assim sendo, pegou o seu canivete e serrou com ele a perna do corpo. Era um homem dos mais comuns, que quis pela primeira vez na vida escapar do circuito casa-trabalho-supermercado. Tinha decidido então brincar de sobreviver sozinho, quando a tal árvore caiu sobre ele. A tarefa de serrar deu um trabalho danado, ele machadando os tendões com o canivete e tendo que empregar toda a força que ainda lhe sobrava para triturar o osso antes de secionar a perna. Tinha desmaiado várias vezes antes de acabar conseguindo. Estava livre de novo. Foi coxeando até a estrada mais próxima – de maneira que tão perto da natureza selvagem ele também não estava – e perdeu a consciência. Quando recobrou a razão no hospital, a esposa estava sentada ao lado dele. A cabeça estava a mil: ele tinha conseguido sobreviver. E como! Tinha amputado a própria perna. Tinha deixado de ser um bunda-mole para virar um súper... por que não?, um super-herói. Dedicou um olhar orgulhoso à mulher, preparado para elogio e confete. Mas ela estava carrancuda como sempre. Ele não estava entendendo. Tinha se embrenhado na natureza selvagem, encontrado perigo e vencido! Mas a sua mulher pigarreou e fez uma única pergunta. *“Por que é que você não serrou o tronco da árvore?”*.

Pois é, nós aqui nunca serramos o galho, atacamos diretamente o nosso corpo.

Dobro o jornal, engulo o último trago de café, chupo toda a nicotina do cigarro num só sorvo e, bocejando, expulso de mim a derradeira golfada de sono. Hora de ir para a rua, hora de caça em meio ao congestionamento na hora do *rush*. O Lugar Vazio se levanta da cama, acima de mim. Sai para o corredor e vai tropeçando e roncando até o banheiro, esperneando descalça na poça que eu mijei, esparrama ainda mais a urina, e vem ao mundo com um peido seco.

Meu Deus do céu, o que foi que aconteceu aqui?

Resmungo “até hoje à noite”, quase arranco a porta do carro ao abri-la, entro no carro, acelero e chego no meu local de trabalho.

...

Na América, as pessoas gostam do que fazem. Na América, dizem *work is the meat in the hamburger of life*, e elas adoram hambúrgueres, todo mundo sabe disso. O americano trabalha cinquenta horas por semana, mas, ainda assim, quer mais. Cada manhã entra todo serelepe no seu *office building*. *Hi Joe, hey Jane, and a good morning to you too, it's a beautiful day!*

♪ *Oh, say can you see*

by the dawn's early light

what so proudly we hailed

at the twilight's last gleaming

Eu, não, *no way*, eu fico parada no estacionamento diante do edifício comercial de um só andar que é o meu destino do dia. Fico olhando para a porta pela qual eu logo vou estar entrando. Como se olhar para o prédio tempo suficiente bastasse para que ele se dissipasse por si só, absorvido pelas nuvens. O motor do carro continua ligado, o meu veículo de fuga, posso me mandar daqui quando eu quiser, é só acelerar que eu saio voando, sem a menor ideia de para onde, qualquer lugar longe, muito longe daqui já está bom. O negócio é manter o pé no acelerador. Até chegar onde quero estar e, enquanto não souber onde isso é, pé de chumbo. *Hundred miles an hour* até os pneus ficarem carecas e estourarem e eu e o carro capotarmos. Enquanto ultrapasso daqui, ultrapasso dali, continuo avançando. E, se chegar uma hora em que o carro não dê mais conta do recado, desço e vou andando. E continuo andando até que eu desgaste a mim mesma: depois de desgastar as solas, desgasto os pés; depois dos pés, os tornozelos; depois dos tornozelos, as pernas, as partes baixas. Avanço rastejando com o tórax, arrastando atrás de mim as minhas tripas. Até que elas também se desfazem. Desgasto os braços, até a altura dos ombros, desgasto e desfaço o pescoço, a cabeça, até que de mim só sobra a tampa do crânio, rolando pela rua. Continuo me desfazendo, até a hora em que eu chego, ou até que eu tenha me desfeito literalmente dos pés à cabeça.

[*Toc-toc-toc*] Ouço contra a janela do carro.

O prédio achatado não se dissipou. Não foi absorvido pelas nuvens. Não se transformou num arco-íris. Nem sombra do balde de ouro do outro lado. Um nariz amassado contra a janela. Acima dele, dois olhos escuros me examinando. Dois olhos de botão num rosto coberto de palha. Palha na cabeça, palha nas bochechas, palha nas orelhas.

[*Toc-toc-toc*]

Visto o meu sorriso e abro a janela. Entra uma lufada bafienta no carro.

Que dez de carro, dos que já não se fazem mais!

“Bom dia”.

Eu já tenho um trambolhão de fusca, aquele vermelho ali, ó. Mas essa sucata sua aí vence. Aposto que não paga quase nada de IPVA. Acertei?

“Em que posso ajudá-lo?”.

Algum problema? Ou melhor, tem certeza de que não se enganou de estacionamento? Este aqui é exclusivo para os funcionários da Global Logistics, do estilo “we know where you’re going”, sacou? E você não trabalha para a Global Logistics, porque eu nunca vi você mais gorda. E não me vem com história de entrevista de trabalho, que eu sei perfeitamente que eles não estão admitindo ninguém. A água não está para peixe, sabe, eles agora só estão fazendo cortes. Foi por isso que imaginei que você estivesse perdida, sentada como estava aí no seu carrinho.

Só pode ter sido isto: peguei um desvio errado. Posso bater o pé o quanto eu quiser, para casa eu não posso voltar. Sorrio para o espantalho.

“É, devo mesmo ter me perdido”.

‘Tá vendo? O meu sexto sentido não me engana. Para onde você tem que ir?’

“Ué, ‘You know where I’m going’, não era assim? Sou eu que pergunto: *where am I going?*”.

Hum... mas não é assim que funciona, madame. Não é assim tão literal, ou seja, hum, eu mesmo, pessoalmente, hum, you know what I mean. A gente faz logística, sacou, não tanto as diretrizes e rumo que toma cada um...

“Me deixa em paz que eu me viro sozinha”.

O espantalho se mandou em surdina, sem se despedir. Não faz nem um minuto que passei a outra tarefa, e já fiz amizade. Sou boa nisso. Hoje a tarefa é das que dão dor de cabeça. Um americana tomaria agora um Alka-Seltzer para se desfazer da dor como uma ninfa dos bosques, do orvalho, mas não há remédio que alivie as agulhadas na cabeça. A única saída seria sair do carro e ir trabalhar. Cada passo é um passo na direção do fim de semana. Quem sabe se eu me aferrar a esse pensamento como tábuas de salvação... Já é quase fim de semana. Desligo o motor, o meu veículo de fuga emite um bufido de protesto e se cala. Apeio do carro para sair para a vida. E, apesar de que apeio e me levanto devagarinho, sinto o fluxo sanguíneo descer da cabeça e vejo escuro.

...

Há tipos e tipos de escuridão. Tem a escuridão com batimento cardíaco e dentes de predador, que rasga com os dentes o pescoço e espera até você morrer exangue. Tem a escuridão tão compacta que mal se consegue respirar. E a que se abate sobre a gente em plena luz e que avança tão rápido que se tem a sensação de estar caindo. Sem parar.

Estou caindo.

Antigamente, quando o mundo ainda não era redondo, pelo menos ainda havia uma beirada da qual se pudesse cair. Era trançar as pernas, tropeçar e cair. Aí vinha a mamãe endireitar a criança e dar um beijinho na ferida para ela sarar. Mas agora o mundo é redondo. Se cair, caiu, adeusinho para sempre.

...

Quando recobro a consciência, vejo o espantalho. Tenta me ajudar a me levantar.

Eis que, de repente, você estava esparramada no chão.

“O que não lhe dá o direito de me estuprar, ou dá?”.

Mas eu não sou, não quero, não faço...

Ele me solta e eu despenco de cabeça no chão.

“Ai!”.

Desculpa.

“Pega a sua desculpa e enfia sabe onde!”.

Ele fica vermelho, quer dizer alguma coisa, mas acaba engolindo a língua.

“Seu violador!”.

Com um gritinho agudo de despeito, é engolido pelo edifício da *Global Logistics*. Esse é o tipo de encontro de grande valor, porque nos dias de hoje é raríssimo dar com gente simpática e prestativa.

E eu, aqui, espatifada no estacionamento da *Global Logistics*. Fazendo papelão diante dos funcionários do empregador. Assim, me levanto da maneira mais profissional possível e sigo o sujeito com cabeça de palha. Não tem nada de errado comigo, estou limpa, de roupa passada, e as agulhas do meu relógio estão se movendo no mesmo ritmo que o fazem para todo mundo. Tudo está nos conformes. *Smile!*

Na América, o nome de uma recepcionista é *Chief Executive Officer of First Impressions*. Se incumbe de zelar pelas primeiras impressões. Um *CEO of First Impressions* faz do trabalho uma virtude, e, aconteça o que acontecer na sua vida particular, as suas obrigações jamais serão afetadas. Ainda que tenha feito pela manhã uma mastectomia, continua sorrindo e brilhando, toda prestativa. A recepcionista que me recebe está visivelmente contrariada. Me olha por cima do copo de plástico de café, desconfiada. Mais parece uma ferida, dessas que passam anos fazendo casca, de modo que prefiro ver a coisa com objetividade, sem me ofender.

Você não é aquela cadela descontrolada que assustou o nosso querido Fons?

“Não, sou da EMC e venho...”.

Porque o nosso querido Fons é um cara bacana, acredite em mim. Ele jamais enfiaria os dedos numa mulher desconhecida sem ela pedir antes. Assim sendo, pode ir acusando o nosso querido Fons o quanto quiser, que não vai adiantar nada.

Arranco dela o café e tomo um gole. Morno, mas, pelo menos, puro.

“Eu sou da *Expectancy Management Consultants* e tenho aí umas horinhas marcadas: para as nove, para as dez e meia e para as duas e quinze. Ou seja, tenho um dia bem longo pela frente, razão pela qual peço à senhorita me ajudar a começá-lo bem. Não poderia dar uma espiada aí nesse seu sistema o número da sala em que me esperam, eu lhe ficaria quase grata. Pronto?”.

Os olhos miúdos nadando na ferida, ela mergulha no computador.

Sala 1.08, segue até o fim do corredor e vira à esquerda.

...

Na sala 1.08 encontro uma vintena de funcionários da *Global Logistics* que levam o olhar sobre mim. Constato em alguns, nos cantos dos olhos, pavor; noutros, sede de sangue; mas a maioria se mostra apática. Cobiaias de laboratório, sem a mínima ideia do que lhes paira sobre as cabeças. Ou seja, um grupo dos mais corriqueiros, vai ser fichinha.

“Olá, bom dia! Oi aí para vocês! Primeiro eu me apresento, o meu nome é Mac. Alguns dentre vocês já me conhecem – não é mesmo, Fons, meu rapaz? –, mas a grande maioria – eu vejo os pontos de interrogação na cara de vocês – não têm a menor ideia de quem eu sou e do que eu vim fazer aqui. Ou de que maneira eu posso servi-los. Mais claro, impossível. Ótimo. Pelo que eu entendi, nos últimos tempos houve por assim dizer umas certas reestruturações na empresa. Vi no meu dossiê e imagino que não seja novidade para vocês, apesar de que o Fons aí tenha caracterizado a questão de ‘terreno escorregadio, não foi, Fons? Pois é, é isso mesmo. Assim sendo, não posso levar vocês a mal por conta da... não vou usar o termo ‘desconfiança’, mas, ao exemplo da expressão ‘primeiro analisamos o gato em cima da árvore’, me vejo, por assim dizer, como o gato empoleirado na árvore, e vocês, primeiro, me observando de longe. Por essas e outras razões, começo o meu relato e conto o que eu vim fazer aqui”.

A primeira cobaia de laboratório levanta a mão. Nunca falha, sempre tem um engraçadinho que pergunta.

É obrigatório?

É o do suor fedido, o rapaz da mão levantada. A pele da cor do lado opaco do papel de alumínio. Devia ter sofrido terrivelmente de acne. O seu coração, todas as noites, ao entrar na cama, não passa de uma cavidade estufada de medo. Se abrir a boca, o medo transborda pelos lábios. Não quer estar aqui. Por nada no mundo.

É obrigatório?

“Vocês receberam todos um *e-mail* dizendo o que se espera de vocês, de modo que dou essa pergunta por respondida. Aqui faz sempre este calorão? Será que daria para abrir essa... ah!, agradecida”.

Ou seja: é obrigatório.

“Esse desejo de ouvir seja como for uma resposta na esfera do sim ou do não é justamente a matéria que nós vamos trabalhar hoje. Quem sabe não lhe dá uma luz? Como você se chama?”.

Willems.

A cavidade dele transborda e o medo lhe ressuma pelos poros, ele vai ficando ainda mais molhado, ainda mais cinzento. Preferia jamais ter aberto a boca.

Por quê?

“Hum, por nada, pode ficar descansado”.

Faço uns rabiscos quaisquer no dossiê, só de sacanagem. Para fazer com que ele cale o bico. O papel de alumínio se amassa, um problema a menos. Não escrevo nada, só faço um desenho. De um pinto, para ser mais específico. Um pinto mole com um escroto dependurado nele.

“Bem, alguma outra pergunta ou podemos começar? Perfeito. Entre as expectativas e os resultados pode existir uma espécie de abismo. Estruturas, organizações, por assim dizer, mas também pessoas físicas podem acabar em apuros se esse abismo, o abismo entre a expectativa e a esperança, se abrir ainda mais. É para dentro desse precipício abissal que salta o consultante durante o desenrolar da expectativa. Ou seja, eu. O observador alheio para quando se implementam diretrizes novas e por vezes inesperadas. Como aqui, para citar um exemplo. Mas que calor, vocês não acham? Será que daria para abrir alguma janela... antes de eu derreter? Não, está emperrada... Oras bolas. Eu me encarrego de propor métodos que começam a agir pelas arestas, fazendo uma apreciação da exequibilidade do conceito ‘resultado’; nas páginas em que constam as ofertas, os tais métodos se aplicam à administração de expectativas específicas. Entre uma coisa e outra, é evidente que, internamente na consultoria de diretrizes e expectativas, se dê mais valor à solvência. Está aí, com todas as letras, não é, Fons? Seja como for, solvência, *targets*, *potato tomato*, tudo farinha do mesmo saco. Nós aqui do lado executivo da coisa e eis que acabamos dando de cara com vocês.

Ah, informação importante: vocês não vão sair ganhando NA-DI-CA. Vejam a questão como uma oportunidade de se enriquecer por dentro, e tirem proveito de onde puderem. E façam uso dele. Aqui, ou no próximo emprego”.

Uma mulher cabeçuda e de nariz achatado levanta a mão, mostrando as garras postiças.

“Se pararem para escutar, a maioria das perguntas deverão se responder por si mesmas, pensam vocês. Enfim, acho que o serviço facilitário daqui bem que podia dar uma pesquisada no *climate control*, o que não me parece ter nada que ver com o órgão de inspeção trabalhista. Vocês estão aí numa boa? Sim? Posso continuar?

Resumindo: se ameaça entrar algum grão de areia na maquinaria, eu pergunto a vocês: isso acontece por resultados abaixo da média ou por expectativas altas demais? E que espécie de pontes nós... quer dizer, vocês, podem construir como passarela para passar de um lado do abismo para o outro, hein?”.

A leoa das garras postiças – mais garras que qualquer outra coisa – dá uma tosse seca. Sempre tem de haver um instigador. Desses que foram reprovados no teste dos flocos e acham que a vida não passa de uma grande recuperação escolar.

Para que tudo isso?

“Mas tarde no dia surgem as bilaterais, um cara a cara, por assim dizer, e é aí que há abertura suficiente para cada um se aprofundar mais no que mais lhe interessa pessoalmente”.

Não vejo que proveito se possa tirar.

Algumas pessoas precisam de testemunhas para continuar existindo; outras precisam de testemunhas para adquirir algum significado. A garota das garras postiças pertence ao segundo tipo.

É só ela ser isolada para perder o chão sob os pés. As leas caçam em grupos. E eu, eu vou amolgando a boca até modelar o meu sorriso mais amável.

“Daria para você aí avançar um pouco para cá?”.

A leoa ruge e vem se arrastando, e eu me inclino na sua direção.

“Tenho aqui para mim que nós não vamos virar boas amigas”, suspiro, “mas eu insisto em fazer a minha exposição didática. Se para isso for necessário eliminar você, não ache que vou pensar duas vezes”.

Sei, e daí?

“Daí que eu faço uma observação no seu dossiê, que vai acabar nas mãos do gerente. E é aí onde terminam as minhas responsabilidades. Assim sendo, vamos tentar evitar ao máximo consequências funestas. Será que nós estamos entendidas?”.

A leoa recolhe as garras postiças, engasga ao rugir e se cala.

“E pode vir se sentando aqui na frente, ao meu lado”.

O melhor momento para apagar um fogo é antes de ele surgir.

“Muito bem”, digo, batendo palmas. Detesto quando faço isso. “Vamos continuar”.

“Oras, os processos internos devem ser eficientes. Começa por você: o empregado é a roda dentada da maquinaria; você vai girando e, se girar bem, os seus dentes se encaixam nos das outras rodas dentadas que, por sua vez, se encaixam nos de ainda outras. Visto por esse prisma, se pode dizer que todo o mecanismo gira em torno de você. Apesar disso, você tem vezes a impressão de estar correndo e correndo como um hamster numa roda sobre o eixo, sem conseguir mobilizar o que seja. E quer saber de uma coisa? É assim mesmo que acontece de vez em quando. Tem vezes em que você não consegue fazer mover nada, a roda emperra e você pode correr o quanto quiser, sem resultado, sem sentido de ser. Os dentes, se asfixiando, tentam abocanhar o ar, impotentes como uma dentadura deixada na cômoda de cabeceira.

Mas, agora, nada de perguntas, por favor.

Você me faça o favor de parar para refletir bem antes de desanimar. Antes de ir reclamar com os colegas. Afinal, você conhece muito bem o ti-ti-ti que rola no espaço de fumantes, ao lado da máquina de café, ou no refeitório na hora do cachorro-quente. Sabe que dimensões costuma tomar um problema. Tão imensas que bloqueiam toda e qualquer passagem. Uma coisa das mais insignificantes como um inocente porquinho-da-índia desenvolve dentes afiados e presas, que eles mostram e lhe cravam na garganta assim que você se distrai. Quando você não se concede o tempo de refletir antes. Mas como é que isso se dá? Como é que se pensa eficientemente? Como é que se distinguem as causas primordiais das secundárias, e as secundárias das causas não pertinentes, as não pertinentes das emoções?

Ouçã bem as minhas palavras; se tiver perguntas, Fons, você me dá um puxão no casaco.

Como é que se faz?

KISS e LOVE.

É, pode ir anotando aí.

KISS e LOVE.

ALL YOU NEED IS LOVE

Liderança, Organização, Visão, Eficiência: LOVE.

Sem o LOVE a vida não passa de uma sucessão de casualidades, um mar que não é mar, e sim uma quantidade incomensurável de gotas individuais nas quais você nada sem boias. É como nadar em areia movediça, sem terra à vista. Sem LOVE, você não faz nada além de estar com a água na altura do pescoço, debatendo para não se afogar.

Eu sei que a coisa vai rápido, mas tudo vai se esclarecendo pouco a pouco; ainda assim, se você tiver alguma dúvida, é só me perguntar daqui a pouco.

LOVE: Liderança, Organização, Visão, Eficiência.

Daqui a pouco.

Esteja alerta na hora de decidir se deve empunhar a Liderança ou se submeter a ela. Mantenha a Organização, saiba o que está fazendo e o porquê. Escolha o tipo de batalha, marque vitórias e tenha sempre em mente o quanto avançou na direção dos seus *targets*. Visão e planejamento: crie diretrizes para si mesmo e se mantenha à risca. Vele pela ordem, deixando uma margem administrável para o caos.

Não quero mais ver essas garras postiças.

E se comporte de maneira Eficiente: não deixe que o distraiam, não divague em pensamentos!

Eu já não disse que “chega” essa mão levantada aí cheia de dedos? É. vozezinha mesma.

E não se esqueça nunca de que o LOVE começa sempre com um KISS;

Keep It Simple, Stupid.

Abaixe esses seus dedos unhudos neste exato momento.

Se o LOVE dobrar à esquerda, enquanto você seguir reto, pense antes de mais nada no

KISS: **Keep It Simple, Stupid!** Tome comando do volante, não dobre, mantenha os olhos fixos no destino.

Eu já não disse que não quero mais ver essa mão no ar?

O KISS leva ao LOVE.

Abaixe essa mão!

E o LOVE leva à vida.

Agora sim que já deu!

...

Os americanos têm leis muito transparentes, todo mundo está careca de saber dos *do's* e dos *dont's* no ambiente de trabalho. Um *no-go* absoluto é o contato físico. Um aperto de mãos ainda vá lá, mais qualquer contato ulterior acaba em demissão no ato. Assim sendo, eu sabia que estava agindo mal quando dei um murro na mesa e peguei na mão aquele dedo afiado de garras postiças. Sabia que estava me comportando mal para os padrões americanos. O negócio é que se pode ter de chamar a atenção de um sujeito quanto ao seu comportamento vez atrás vez, antes de tomar medidas drásticas. Caso contrário, não nos levam mais a sério. Talvez eu devesse ter contado até três. Talvez devesse ter respirado fundo. Talvez devesse... ter exagerado menos a minha reação. Mas fiz na hora o que achei justo: saltei para frente, agarrei o dedo do espantalho e o quebrei. Fiquei principalmente surpresa com a facilidade do gesto. Fechei a mão, girei o pulso e ouvi, não, senti, na palma da mão, um distinto e seco *crac*. Um galhinho, uma ripa, um fósforo.

Crac.

O espantalho manifesta o mesmo susto que eu, abre a boca e os olhos com formas de botões e tenta descobrir o que foi que aconteceu. Pensar lhe exige tanto da sua capacidade mental que o estímulo de dor de momento não se exterioriza.

Trata-se agora de agir rapidamente. Tenho que reduzir o *collateral damage*.

No momento em que as outras cobaias de laboratório perceberem o que está acontecendo, ficam irrequietas e eu posso ir mandando o resto do dia para a cucuia. Ou seja: isolamento e neutralização.

“Êi, você aí, daria para me seguir e agora? Os demais podem ir tomar um café. Daqui a pouco eu estou de volta”.

Arrasto Fons pelo dedo pela soleira da porta, atabalhoadamente pelo corredor, passando pela recepcionista, até chegarmos no estacionamento. Antes de ele começar a se esganiçar, já vou enfiando a minha manga dentro da boca dele. O berro faz vibrar as minhas roupas, mas o tecido abafa o volume. Depois de ele ter gritado o quanto queria, solto o dedo. Parece estranhamente torcido e começa pouco a pouco a inchar.

“Isso aí está com cara feia, Fons”, suspiro. “Feíssima”.

Os seus olhos de botão desbordam de lágrimas, que vão se avolumando antes de rolares pelo nariz.

“Você tem que ir ver um médico, e já. Ou melhor, ir diretamente para o Pronto Socorro. Aí eles lhe dão algum analgésico, um pirulito, fazem um curativo e você fica novinho em folha. Você está de carro?”.

Ele meneia a cabeça na direção do fuscão vermelho, e eu o ajudo a entrar no carro.

“E, já que você não está se sentindo bem, é melhor que vá direto para casa depois de ter consultado um médico. Se você decidir que não se fala mais no assunto, eu, da minha parte, retiro as anotações do seu dossiê sobre o seu comportamento inadequado. Fica entre nós. Estamos falados?”.

Ele faz que sim.

“Ótima decisão, Fons. A partir daqui você acha que se vira sozinho?”.

Funga, engole o catarro e diz:

Eu só queria dizer que a senhora está com o nariz sangrando.

“Muito atencioso da sua parte, Fons. Tchauzinho”.

Lá vai ele, trançando as pernas. Missão cumprida. É quando eu me viro e vejo as cobaias postadas diante da janela. Apertam os seus focinhos afunilados de roedores contra o vidro, farejando, desassossegados. Eu me contorço de rir na mesma hora, acenando para eles.

“O Fons não está legal!”, grito. “É por isso que eu o estou mandando de volta para casa! Podem ir se sentando de novo, que eu já venho!”.

Do lado de dentro, sou detida pela ferida à recepção.

O que foi que aconteceu com o Fons?

“Fons? Que Fons? Eu não conheço Fons nenhum”.

Foi o estômago? Quando fica ansioso lhe ataca o estômago. De tão sensível que é, pobre estômago.

“É, pobre estômago. Como ele começou a passar mal, mandei que ele fosse ao médico”.

Ai, ai, ai, coitado do Fons! Logo ele, que detesta ser o centro das atenções.

“Não mesmo? É uma preciosidade dentro da empresa”.

E não é? Por sinal, o seu nariz está sangrando.

“Obrigada, que atencioso da sua parte!”.

...

O edifício deve estar de novo com aquele cheiro de sempre. Por não se poder abrir nenhuma das janelas, e por conta do calor e também porque todo aquele cheiro de corpo – e haja corpos – só faz circular e recircular pelo encanamento. O ar pesado é tão velho como o próprio edifício. E vai se condensando cada dia mais: restos de pele exfoliada, suor, poeira, sebo, um desespero granuloso de perfurar as membranas mucosas como partículas de asbesto. Um ar compacto, áspero como uma lixa. Não é de se estranhar que eu esteja com o nariz sangrando.

Eis-me diante do espelho do banheiro, sem conseguir estancar a hemorragia. Como se um refluxo do vinho da noite me escalasse garganta acima, tentando sair pelo nariz. Enfio nas narinas bolotas de papel higiênico. Quase não se notam. Não se notam. Só preciso reencontrar o meu sorriso e estou pronta para outra.

Mas o sorriso tem de ser espontâneo. Não precisa ser genuíno, contanto que seja largo, temível. Um sorriso como um trejeito, com as gengivas expostas. Se ainda fosse um chimpanzé, daria para dar um murro e quebrar os dentes, mas, aqui, a amabilidade não pode ser suficientemente agressiva. É preciso fazer as pessoas mandarem o seu sorriso goela abaixo, só então é que elas engolem. Eu treino na frente do espelho, mas não acerto mais a posição dos lábios.

...

[*Toc-toc-toc*] Na porta do banheiro.

Ó de casa!

Repuxo para cima com os dedos os cantos da boca. Não querem saber de parar na posição.

Tudo em ordem aí dentro?

“Pico bello, never better, a-okay”.

Nós estamos esperando vc lá em cima. Continuamos de braços cruzados ou arregaçamos as mangas?

Arranco as bolotas de papel do nariz, que começa a sangrar na mesma hora. Eu as ponho de volta. Seco os lábios e empurro a porta.

“Por acaso você fica com tesão ao encostar o ouvido na porta para ouvir uma mulher na intimidade?”.

Mas eu não estava...

“Essa sua coisinha aí fica endurecida quando ouve uma mulher mijando? Te dá tesão?”.

Desculpa, eu não queria...

“Não queria, mas fez. Ou vai me dizer que não fez?”.

A cara dele se arrugou toda.

“Fez ou não fez?”.

Sinto muito.

“Sente muito? Sente muito por que eu peguei você em flagrante? Hein? Agora é esperar para ver quais vão ser as consequências. Começamos do começo?”.

...

Na 1.08 o ambiente mudou da água para o vinho. Se até pouco ainda pairava o ar sombrio e inerte de escritório, o clima era agora francamente hostil. A leoa com as garras de postičas é, sem sombra de dúvida, a víbora número um no ninho de serpentes da maledicência. Está só de butuca, a postos para dar à manada o toque de ataque, de maneira que eu tenho de fazer, cautelosa, todo tipo de manobras. Saltar num campo minado não é o melhor modo de desativar as bombas.

“Perfeito, agora vamos pegar o bicho na mão. Quais são as experiências de vocês no ambiente de trabalho? Como é que o KISS e o LOVE podem ajudar vocês a se enquadrarem? Será que alguém poderia descrever o momento em que ameaça entrar um grão de areia na maquinaria do trabalho, um exemplo concreto no qual se tem uma defasagem entre expectativa e resultado?”.

Alguém levanta a mão. A leoa, como não podia deixar de ser, mantém a guarda sobre a savana: à primeira vista de uma presa, ela se lança ao ataque.

“Você sabe de algum caso? Alguma coisa que tenha saído diferente do que deveria sair? Ou do que era a ideia original?”.

A leoa começa a bufar.

“Não sabe? Quer dizer que tudo sempre sai do jeito que você quer? Você pode se considerar abençoada”.

Pois hoje algo está saindo diferente do que eu tinha esperado.

“Alguém mais tem um exemplo, um exemplo concreto?”.

Este, sim, é um exemplo concreto: a discrepância entre expectativa e resultado. Não era isso disso que você queria falar? Pois então, pode ir desembuchando!

“Como eu estava dizendo, como é que nós podemos aplicar o KISS e o LOVE ao dia de hoje, fazendo uma ponte entre expectativa e resultado?”.

Eu não faria isso jamais.

“Eu sei e é justamente por isso que eu estou pedindo: para você aprender a fazer da próxima vez”.

Acho uma grandíssima besteira, todo esse papo furado sobre KISS e LOVE. Aqui, isto não funciona mesmo. Americano demais para o meu gosto.

“Como é que é?”.

Eu disse que é americano demais para o meu gosto.

...

“Vocês se mirem no exemplo dos americanos. Esses aí não fazem cu doce: eles arregaçam as mangas, agem. Querem saber de um caso? Estão por acontecer umas reestruturações aqui no pedaço. É, os americanos compraram a *Global Logistics*. Não estavam sabendo? Mas quanto tempo vocês acham que eles vão aguentar neste paisinho inóspito e atamancado? Não muito. Eles sabem qual é a meta da *Global Logistics*: conquistar o mercado mundial. Só que, neste momento, ela se encontra num marasmo, com vocês parasitando, míseros e preguiçosos empregados, salvaguardados por um monte de leis frouxas. Vocês, transformados no lastro pendurado no pescoço da empresa, impedindo que ela cresça. Na América vocês seriam despedidos na mesma hora. Segue um processo de reestruturação e eis você no olho da rua. Quem me dera fosse uma festança, que, aí, pelo menos, eu não daria o dia por perdido. Mas vocês, não. Vocês enviam por um trajeto guiado, recebem o correspondente a três meses de salário para receberem algum

treinamento. Deus meu, que paizões eles são para vocês! Pouco a pouco vão afazendo vocês às más notícias. O resultado de um tal processo de seleção pode desencadear algum trauma psíquico. Passo a passo, de mãozinhas dadas, como se isso fosse mudar alguma coisa em vocês. Se, em três meses, ainda estiverem trabalhando na *Global Logistics*, podem saber que será com salário mínimo. Em Calcutá!”.

...

“Ah, por que é que agora eu vejo de repente essas mãos levantadas?”.

Os bigodes eriçados vibram de entusiasmo, e as cobaias começam a pipilar. Em questão de pouco tempo, a 1.98 se encheu com o grasnido de dezenas de patos de borracha. Os focinhos infestantes infundem pavor. A leoa intercepta o meu olhar e o suspende no ar.

Você está querendo dizer que vamos ser despedidos?

“Cuidado aí: você está mergulhando de cheio numa espiral de negatividade. O negócio é interromper esse fluxo de pensamentos com o KISS e o LOVE. Como é que você os poderia aplicar ao presente caso?”.

A leoa se levanta.

Eu quero contribuir com duas outras palavras: FUCK e YOU!

“Interessante. Você não quer nos dizer o que significam as siglas?”.

Ela sobe na carteira e crava em mim as garras postiças. Ao cair de costas contra a parede, as bolotas de papel higiênico saem voando do meu nariz. Todo o sangue que se tinha estancado dentro das minhas narinas esguicha de uma só vez, e é através de uma fonte vermelha que vislumbro a leoa se aproximando de mim. A vida, às vezes, é uma fotografia malsucedida. Luz demais, pouco nítida, com você próprio desenquadrado. É quando a cabeça dela vem de encontro à minha, e tudo escurece de novo.

...

Quando eu tinha doze anos, certa vez a minha mãe me levou ao McDonald’s. Estávamos na fila, esperando para pedir uma *Happy Meal*. “Olha só para cá”, disse ela, “que foi aqui onde você foi concebido”. O que vi foi uma gorduchinha com um copo de *milk-shake* de morango. “Ou melhor”, continuou, “não aqui... neste restaurante, mas nesse ponto aí. Quando tudo isto aqui ainda era uma pradaria e a estrada, que está logo aí, era ainda caminho de terra. Quando este chão, agora tão fácil de limpar, não passava de grama”. O *milk-shake* de morango tinha acabado, mas a gordinha continuava sorvendo o fundo do copo com o canudinho. “Nessa época, por mais estranho que pareça, o céu estava sempre azul. Quem conhece o assunto a fundo diz que é impossível, mas eu tenho certeza absoluta. Afinal, estava ou não estava lá?”. A gordinha soltou um arrote e riu de mansinho. A mãe lhe seguiu o exemplo. “E logo ali, onde começa o *playground*, havia uma poça de água, com ajuda da qual eu queria secretar você a base de enxáguas Mas você já estava agarradinha por dentro. Eu podia enxaguar você o quanto quisesse, usar toda a água estancada entre os cascais para lavar a minha pombinha, mas você já estava a caminho. Em casa eu até assei um bolo. Um

detalhe bobo, mas que me ocorreu de repente. Um bolo de chocolate. Ah, está na nossa vez! Você quer um *Happy Meal* de quê?

Quando recobro a consciência, a primeira coisa que vejo são as minhas pernas. Estou deitada de lado, debaixo da mesinha, levanto e bato a cabeça, enquanto as chaves do carro, no bolso da saia, se encravam na carne das minhas coxas e o sangue no nariz esguicha, abrasador. Lá estão elas, as cobaias, se esfregando umas nas outras, pipilantes. Só a cobaia com cara de cor do lado opaco do papel alumínio continua sentada, num cantinho, com os braços cingindo o próprio corpo, balançando de um lado ao outro. Quando percebe os meus os meus olhos abertos, lhe vem um soluço. Essa aí é que não me ajudar a levantar mesmo. Ninguém faz a menor menção de acudir, e é melhor assim, mesmo, porque eu estou careca de saber que tipo de ajuda eles prestariam. São dos que pisam em cima assim que você se distrai. Saio dali engatinhando. A cobaia com cara de papel de alumínio se põe a gemer e a apontar para mim, mas é ignorada pelas demais, e eu aproveito para sair dali na surdina.

...

No banheiro, inspeciono o prejuízo. Pareço estar vestindo uma máscara africana. O meu rosto, banhado em sangue; quando toco o nariz, sinto uma pontada de dor entre os olhos. Examinado a blusa. Ainda se veem algumas pinceladas brancas em meio ao vermelho, mas, de resto, está praticamente tão encharcada quanto o resto. Essa era das de se tirar uma fotografia. Ou melhor, não: os mamilos despontam rígidos sob a roupa molhada. Só faltava mais essa!

Tenho que fumar, e agora.

Enfio a mão na minha minibolsa e agarro o maço, que sai voando. Em pleno voo, vira de ponta cabeça e despeja todo o seu conteúdo pelos ares. *Plaft*. Caem na privada. *Plaft*. E atrás deles a própria minibolsa. *Plaft*.

Não é dessas privadas holandesas com um mezanino desses em que você pode examinar o conteúdo da defecação para controlar se anda tudo bem com os intestinos, se não há nenhuma ameba, bichinhos e outros parasitas. Não. Essa aqui é das privadas profundas e com as paredes empinadas, em queda livre.

Um cigarro. Primeiro um cigarro.

Fecho os olhos e enfio a mão para resgatar os cigarros da privada. Estão ensopados.

Eu **tenho** que fumar.

Pego um dos cigarros e o posiciono em cheio debaixo do secador de mãos elétrico. Ponho o dito cujo nos lábios, tentando não pensar em quem precedeu a minha visita ao recipiente-privada. Acendo o cigarro e dou um trago profundo.

E não é que me faz bem?

Um segundo depois, uma sirene ululante me rachando a cabeça.

...

Alarme de incêndio

...

Você não tem mais nem para onde se retirar. Você está sob vigilância para onde quer que vá. Basta dar um passo em falso que a coisa degradingola. Mas se eu não faço mal a ninguém! Eu avanço, empurro a porta e me dirijo à recepção. A ferida, enlouquecida, chapeleta o painel de comando, onde começam a piscar um monte de luzinhas. Na América, o povo manteria o sangue frio. Fariam uma fila reta, organizados que só eles, e abandonariam o local e, do lado de fora, esperariam os serviços de socorro. O que acontece na *Global Logistics*, porém, é que todos disparam para fora em meio ao caos do desespero. As ratazanas abandonando o navio em chamas. A própria ferida dá a questão por vista e se manda dali.

As cobaias estão grudadas umas nas outras no estacionamento, procurando o foco da fumaça. Desde que a Tatjana Simic se desvencilhou do sutiã vermelho e ofereceu o corpo por um CX 25 GTi com injeção eletrônica, não se havia vivido mais nada de tão emocionante. Mas o vizinho... Sobre a escrivanhinha começa a tocar o telefone. Atendo eu. Não me perguntem por que inspiração!

“Pronto? Sim, você acertou: aqui é a da *Global Logistics*”.

O corpo de bombeiros.

“Ledo engano, o seu. Desta vez não é alarme falso. As labaredas já estão consumindo o telhado”.

Lanço o telefone para o chão e abandono o local. Tiro para mim o resto do dia livre, eles que se virem. As cobaias no estacionamento, de pé, congelando, me observam quando, sangrando e fumando, entro no carro. Ponho a chave na ignição, ligo o motor e piso forte no acelerador para acertar em cheio nas cobaias, que nem boliche. *Fuck you*. Elas se dispersam, e eu me mando do estacionamento. Pelo retrovisor, vejo a todas elas berrando atrás de mim. Um dedão médio bem grosso para elas, ó!

Embocando na estrada, vejo vindo um caminhão do corpo de bombeiros na pista do outro lado, a toda velocidade. Isso é o que eu chamo de “rápido”. Ouço o barulho estridente da sirene ainda algumas vezes, até que ele vai esmorecendo ao longe, e eu, longe dela.

...

Na estrada, consigo resgatar o meu sorriso. Quer dizer que era aqui onde ele se escondia, esperando que eu fosse seguindo as linhas estipuladas pintadas no asfalto. Pois é, eu sou o sorriso dela, se instale nos meus lábios, e tome uma carona comigo. Para onde você está indo? Daqui, qualquer horizonte está ao alcance das mãos. A estrada se transforma num único pontilhado cinza, uma flecha que só faz apontar para frente. Os pneus se elevam sobre o asfalto, eu crio asas e voou em direção ao sol. A lataria que me envolve se inflama quando faço a minha irrupção pela camada atmosférica, após o que eu me torno leve, enquanto o carro flutua, sem peso, espaço afora. O motor agora só suspira, abafado, enquanto eu, sem a força da gravidade, me balanço sobre a Terra, entrando num vácuo em que nem mesmo os ruídos penetram. O silêncio é pleno.

É quando o carro começa a dar uns solavancos, bufando até morrer.

...

Despenco mil quilômetros até chegar ao asfalto. O painel, abrasando, vermelho, enquanto as agulhas do indicador de combustível se escondem abaixo do zero. Com o que me resta de velocidade, vou deslizando até parar no acostamento.

Cacete.

Cacete, caralho, escroto!

...

Na América a gasolina é tão barata que ninguém fica jamais de tanque vazio: é como se ela viesse até de brinde em embalagens de chiclete. Você nem precisa descer do carro. Não, logo vem vindo na sua direção um rapaz simpático de macacão manchado de óleo para abastecer você. Aqui, porém, não vem nenhum rapaz simpático de macacão me abastecer. Na minha direção só vem vindo mesmo uma vaca. Um hambúrguer sobre patas que se posta a uns dois metros de mim e se põe a me observar, ruminante. Se ela não se cuidar, eu desço do carro, a pego pela cabeça e a empurro com tanta força contra os nós do arame farpado, que lhe perfuro as vias respiratórias até que ela se esvazie com um *puff*.

Desço do carro e saio andando. Não deve demorar tanto assim até eu achar alguma civilização; este país tem um número populacional alto demais para se andar muito sem sair do deserto e da desolação. Vai ser seguir por aquela curva ali que eu acho gasolina e alguma coisa para comer, porque o meu estômago começa a roncar cada vez mais alto, reivindicando os seus direitos. E, caso não seja logo após aquela curva, da seguinte não pode passar. Veja a coisa como uma caminhada saudável, boa para o BBB. Em dez minutos já vai ter acabado a agonia.

Ou quinze, estourando.

...

Pela manhã vou ao escritório em meio ao congestionamento. É só ligar o rádio para ficar sabendo que as vias rodoviárias estão com risco de aluvião. É questão de tempo para que o coágulo se desprenda no sangue e acabe causando um infarto. O que acontece é que justamente no dia de hoje toda a problemática de trafegabilidade tenha tirado o seu dia livre. Já faz hora e meia que venho andando no acostamento, mas ainda não passou um carro sequer. Pior: nem sombra de um posto de gasolina. Alguém quer me dizer de uma vez por todas onde vão parar na hora em que você mais precisa os tais dos caminhoneiros gostosos e safadões? E isso que eu só preciso de uma carona de uns míseros quilômetros; se precisar, até “dou uma mãozinha”.

Se eu não arranjar nos próximos minutos alguma coisa para enfiar na boca, o meu estômago vai dar um *show*. Vai se virar do avesso e me engolir. Estou escorrendo de suor; o sangue na blusa, que já estava quase seco, fica ensopado outra vez e começa a feder. E, na hora em que sinto uma bolha estourar debaixo de uma das solas do pé, na hora em que estou disposta a erguer a cabeça e, com um impulso, me agarrar no corrimão, se assomam à minha vista dois arcos dourados, escondidos por detrás de uma fileira de árvores.

Estou salva.

...

As portas corrediças se abrem com um zunido e eu adentro um céu vermelho e amarelo. É assim que, tendo recuperado as minhas forças combalidas, faço a minha entrada com ares de infanta de rei no posto de gasolina e, com o meu mais arrebatador sorriso, venço ao varapau do outro lado do vidro blindado que me leve para onde deixei o meu carrinho, munida de um galão de gasolina. KISS e LOVE, e final feliz. Mas, antes de qualquer coisa, comida Preciso comer.

Não tem muita gente: só uma pessoa esperando na minha frente. Ouço música, de piano; será que eles tocam música clássica aqui? Só quando entra a flauta de pã é que eu reconheço o *cover*. Toto. *Hold the line*. Começo a cantarolar baixinho. O rapaz do balcão me lança um olhar desconfiado por debaixo dos seus cachos escuros. Rio para ele.

“Essa música é o máximo, não é?”.

É quando me dou conta de que estou por detrás de um balão inflado com cara de palhaço. Eu, boba, abro um sorriso, que o rapaz retribui. Vou com a cara dele na mesma hora. Esse aí é dos que crescem na vida. Trabalhando muito e reclamando pouco é que se vai longe, *the American way*! Ele poderia também ter concluído a escola e desperdiçado anos da sua vida, mas não, **ele**, não: já foi logo arregaçando as mangas para trabalhar. Vou com a cara dele mesmo, e acho que vou até lhe dizer isso, na lata, porque, apesar de elogio ser de graça, as pessoas até nisso economizam! Dou uma piscadela. Ele recua. Dá para entender, ninguém espera mais nos dias de hoje simpatia vinda do próximo. Não o levo a mal.

Pois não?

“Hum... eu queria comer alguma coisa”.

Alguma coisa como o quê?

E eu lá sei? Tanto faz, contanto que seja jogo rápido. Vou inspecionando com o olhar as fotografias acima do rapaz.

Que tal uma Happy Meal?

“Me parece uma excelente pedida”.

Silêncio.

E você deseja uma Happy Meal de quê?

O rapaz é mesmo detalhista, não economiza palavras. Aponto para cima.

O quê? Chicken Nuggets?

Faço que sim.

E para beber?

“Você faz perguntas demais. Põe aí na tal *Happy Meal* o que você achar mais gostoso, pode ser?”.

Ele me dá as costas e vai preparar a minha *Happy Meal*. Receptivo e eficiente. Raro de se encontrar nos dias de hoje.

Algum molho para as batatas?

“Vai em frente”.

Ele dispõe sobre a minha bandeja o potinho.

Só isso ou aceita também um milk-shake? Temos de baunilha e morango. Ah, e chocolate. Mais guardanapo? Aceitaria talvez um elogio-cantada? Sobre o seu corte de cabelo, as suas formas torneadas e as suas medidas? Ou talvez ainda uma lambidela? Sim? Não? Como é? Está dizendo que acharia uma delícia? Pois queira ter a honra de se sentar: vou engatinhando até onde você está e dou um beijinho e umas linguadelas na sua prezada bocetinha. Se começar a ventar, eu me posto do aí do seu lado, para que nenhuma rajada de vento açoitasse o seu rostinho frágil; se chover, meu corpo será o seu guarda-chuva. Se o sol estiver lhe dando em cheio, sofrerei eu o seu melanoma, para que o seu corpo fique imune a qualquer doença. E se acontecer de se sentir só? Então eu a acolherei em casa. Poderá se sentar à cabeceira da minha mesa, comer da minha comida, beber do meu vinho e se esquentar à minha lareira. E, se o sono a arrebatar, se aninhare entre os travesseiros da minha cama.

Eu vou ficando toda derretida com o sotaque dele. Olho fundo nos seus olhos, enquanto ele inclina a cabeça, esperando a minha resposta. Com uns olhos castanhos como esses, ele consegue me arrancar a alma do peito e eu, esperneando, fico suspensa no olhar dele. O silêncio dura um minuto, uma hora, mil e uma noites. Eu ali de tonta, resfolegando, com a cabeça rodando.

O rapaz pigarreia.

Repetindo: são três euros e setenta e cinco.

“Repetindo... repetindo mesmo o quê? Ah, claro, claro... três euros e setenta e cinco, como não?”.

Quando vou fisgar o dinheiro de dentro da bolsa, me dou conta de que a bolsa sumiu. Ou melhor, sumiu, não: fui eu quem a deixei no banheiro da *Global Logistics*.

Está tudo bem com você?

Está, sim..., mas é que eu deixei a bolsa no banheiro”.

O rosto dele endurece. O rapaz aí não curte circunstâncias inesperadas.

Como assim, no banheiro?

“No banheiro, sim, mas... mais especificamente na privada, dentro da privada. Foi porque... Ah, deixa para lá, que a história é longa”.

Ficamos alguns momentos olhando um para a cara do outro. A *Happy Meal*, esfriando sobre o balcão; no meu estômago, a revolução. Tenho que comer, e agora.

“Faz então assim: escreve aí o meu nome e eu pago da próxima vez”.

Uma das mãos dele pousa sobre a bandeja com a *Happy Meal*.

Sinto muito, esse papo eu já conheço.

“Não seja desmancha-prazeres. Posso deixar as chaves do carro como garantia. Aqui, ó!”.

Enfio as chaves do carro do bolso da camisa dele.

Sinto muito mesmo.

Já vai retirando a bandeja com a *Happy Meal*, mas eu me adianto e puxo para mim a caixa de papel. A caixa rasga.

Senhorita, infelizmente terei de pedir que se retire do restaurante.

Puxo a caixa para o meu lado.

“É que eu estou com fome!”.

Ele puxa a caixa para o seu lado.

Senhorita, se precisar eu mando a comida para o lixo, mas no seu estômago ela não vai parar.

“Você não sabia que jogar comida fora é pecado? Já parou para pensar nas criancinhas na África? Elas cometeriam um crime para comer uma *Happy Meal*. Aliás, é isto mesmo que elas fazem: se matam para conseguir pôr as mãos numa *Happy Meal*. E você aí querendo jogar no lixo!?”.

O sangue começa de novo a esguichar do meu nariz e acaba respingando sobre a caixa da *Happy Meal*.

“Mas olha que você está me saindo mesmo pior que... que um orangotango! De noite você consegue encostar a cabeça no travesseiro e dormir? Não fica com remorsos por conta da sua família lá na África? Não para parar pensar nos seus priminhos e priminhas, se assassinando uns aos outros por causa da uma *Happy Meal*? Que insensibilidade a sua, que recusa dar comida a uma garota faminta!”.

Ficamos no tira-e-puxa com a caixa da *Happy Meal* até que o papelão arrebenta de vez, pela metade. E lá vão lançados pelos ares a garrafinha de iogurte de morango, as batatinhas fritas e os Nuggets. Dou um mergulho de bico e enfio três Nuggets na boca e, correndo dali enquanto mastigo os Nuggets, ainda me viro e grito com a boca cheia:

“Eu não sou racista. Juro! É que eu estou com fome mesmo. Trabalho duro, estou com fome e não sou nenhuma racista!”.

O rapaz recolhe então do chão o brinde, um Munchkin de plástico, que ele joga na minha direção. O Munchkin me acerta em pleno olho esquerdo, que começa a ver tudo em azul, que ainda localiza o orangotango, mas que me faz dar contra as portas automáticas de vidro, como um melro em pleno voo. Me arrasto para debaixo do sensor, e as portas abrem outra vez com um zunido. Mal começo a engatinhar que o rapaz já vem me pegando pelo cangote.

Vamos dar um passeio.

Ele me empurra, e eu vou tropeçando ao seu lado. Vai me levando para os lados do estacionamento, que cruzamos, em seguida, e só me solta para lá dos arbustos além da cerca. O meu joelho se engancha no raio da roda de uma bicicleta velha. Ai, ai, ai! Sacolas de plástico, latinhas, uma imagem amarelecida do Pato Donald. Levanto a cabeça e vejo o rapaz sorrindo, irônico, lá acima de mim. Desfivela o cinto e abre a braguilha. Começo a rir.

“Você não vai me estuprar, vai?”.

Prefiro meter o meu caralho num liquidificador do mergulhar ele nessa sua casca dura.

Desdobra o dito cujo, o põe para fora e o segura na vertical. Fico olhando. Em vez de ver as bolas, vejo uma mancha que é na verdade tecido cicatrizado. Deve ter pegado uma infecção ou algo do tipo, porque em volta da cicatriz se vê uma carne esponjosa. O resultado final não é dos mais apetitosos.

Isto aqui, sim, que é a África. E aqui estão, ‘tá vendo, as criancinhas da África. E então, vai dizendo aí, você acha que foi tudo por conta da Happy Meal? Desembucha!

Há situações em que é melhor guardar para si as próprias teorias, e a presente é um exemplo clássico. Guardo as minhas teorias para mim. Ele, ele aponta o dito cujo na minha direção.

Agora eu quero que você diga por aí que viu o Live Aid. Que volta e meia faz uma transferência para a conta número 555 e para as Aldeia Infantis SOS e para o Unicef e que, além disso, fica tão comovida com a fome no terceiro mundo que só de pensar os seus olhos se enchem de lágrimas.

Não vou nem dizer nada a ninguém nem fazer transferência nenhuma. Não estou nem aí, ó para você! Enquanto isso, ele começa a mijar. Mija sobre mim, que me ofereço ao mijo dele. Recebo o mijo como se ele pudesse me lavar, me purificar de toda a imundície do dia. Ele fecha a torneira e enfia a pica de novo dentro das calças.

Agradecemos a visita, e até uma próxima vez.

Dá meia volta e sai andando. Não considero o momento adequado para gritar ainda que as chaves do meu carro estão no bolso da camisa dele, guardo esse pensamento para mim. Também não me adiantaria muito, já que eu estou sem gasolina. Não, acho que vou ficar deitada aqui, que me agrada um lugar assim, escondido atrás dos arbustos. Empurro a bicicleta para o lado, tiro uma camisinha que ficou presa no meu traseiro, me esparramo de novo à vontade e desdubro o Pato Donald.

O Victor, de Nieuwegein, me mandou uma piada. Tem nove anos e está atrasado na escola porque é fraco em frações matemáticas. Perde o sono por conta do divisor e do denominador. Mas é sábado de manhã, e o Pato Donald está para ser enviado a domicílio! Um momento para si mesmo, daqueles em que você deve parar de pensar em cobranças e prazos, e mergulhar nas páginas reluzentes de uma revista semanal feminina. Ele pula para a página com as piadas para checar se consta a sua, e a encontra, em *fullcolour*, com o nome dele, a piada dele! A prova da sua existência! Todos os seus problemas se desfazem na mesma hora, ele existe! Leva o Pato Donald consigo para onde quer que vá, mostra para

todo mundo, é o seu documento de identidade Até que o pai certo dia tem um faniquito e atira a revista pela janela do carro, após o que ela se encharca com a chuva, amarelece e é relegada ao esquecimento. Mas isso é passado, caro Victor, porque eu, sim, li a sua piada; me lembro de você, Victor, que, por isso, nunca mais vai ser esquecido!

Um leitão pergunta à mãe: “Mamãe, tenho que lavar com sabão as minhas patinhas antes de comer?”. “Sabão?”, pergunta a porca, brava. “Onde foi que você aprendeu esta palavra: ‘sabão’? Pode ir agora mesmo lavar essa sua boca com barro!”.

Por acaso eu estou aqui me lamentando?

...

Agora sim é que deu. Quero ficar bundando. É fim de semana, e eu já fiz mais da conta. O Lugar Vazio vem me buscar; esse aí pelo menos **faz** alguma coisa. Vem no carrão luzindo demais da conta e emboca na entrada do estacionamento. Desce. *Plim-plim-plim*, os faróis ainda acesos. Me vê sentada, no foco da luz, à mesinha de piquenique, com os olhos semicerrados.

Caralho, o que foi que você aprontou?

Pois é, aprontei de novo. A culpa é minha, eu sei.

Escroto.

Espera que eu ponho um saco de lixo sobre a cadeira. Você também sempre complica tudo! Onde você estacionou? Deixa para lá, amanhã você volta para pegar o carro. A gente já vai tarde.

Tarde para quê?

Você se esqueceu. Eu sabia que você ia se esquecer. Então, ‘tá, valeu mesmo! Recordando: estamos indo jantar. Na casa do Edwin e da Priscil.

Ai, não! E não é que é verdade? *Fuck...* Na casa do Pentelhão e da Pentelhuda.

Não queira sair pela tangente, porque são amigos seus também.

Ele aumenta então o rádio a tal volume que não precisamos mais dizer nada até chegar em casa. Em casa, vai querer que eu vista o vestido que me deixa linda, ou melhor, um tesão. Para deixar o Pentelhão...

...o Edwin...

... com inveja. No final das contas, já faz anos que são melhores amigos. Às vezes se tem que mesmo – *plaft* – pôr a rola em cima da mesa e um esquadro ao lado para mostrar as medidas. Quem sai ganhando é ele, por conta do vestido que me deixa um tesão; vence ele, porque a Pentelhuda...

...a Priscil!...

... essa anda “descuidando de si mesma nos últimos tempos”, anda “meio caída”, o que é no mundo das mulheres uma pena. E isso sabendo que ela poderia ter um *look* ótimo se fizesse um mínimo de esforço. De maneira que ele já está ficando todo contente. O Lugar Vazio espera o jantar com impaciência, mas quer me esganar por eu estar toda ensanguentada e mijada por haver estado num estacionamento qualquer da vida, enquanto o Pentelhão e a Pentelhuda já iam ligando o forno. Cedo, ponho o vestido que me deixa um tesão; afinal, sou eu a responsável pelo atraso, e eis que, de repente, nos encontramos no saguão diminuto – **diminuto**, veja bem –, munidos de uma garrafa de vinho do supermercado...

... não importa o tipo, qualquer um acima de seis e cinquenta já é dos bons...

... e aí nós vamos nos sentar à mesa, dessas de *design*, claro, porque eles já passaram faz muito tempo da época da IKEA. E ela vai ficar me olhando com um daqueles sorrisos de uma felicidade tão pura, dos que dão curto-circuito no cérebro, que eu vou lhe rogar a praga de contrair clamídia espontaneamente, enquanto ele, ao seu lado, com as mãos nos joelhos dela, tão ternas que é de comprometer qualquer verossimilhança, vai rir com aquele seu risinho de deboche e vai se pôr a falar de hipotecas, juros e amortizações. Vai dizer que um investimento só é rentável se você consegue colher os frutos dele. Não é, meu bem? Enquanto ela, com um barrigão que cresce infatigavelmente, só vai saber falar em termos de semanas e ultrassons.

E eu, eu brincando debaixo da mesa com um garfo de *design*. Dobrando um dos seus dentes e, com ele, fazendo menção de fisgar e cortar uma veia do meu pulso. Querendo subir na mesa de *design* e sair chutando os pratos de *design*, e os copos de *design*, para bem longe da mesa. Querendo levantar a saia que me deixa um tesão. Querendo cagar, gritando, dentro da travessa com a comida do forno. Querendo dar um golpe baixo no Pentelhão, querendo dar um soco na barriga da Pentelhuda. Mas ostentando diante deles o meu sorriso falso e exercendo a arte do autoanestesiamento. “Adoramos!”, “Precisamos repetir logo!”, “Da próxima vez em casa, hein?”. E patati-patatá.

Às oito da manhã seguinte o Lugar Vazio já está de pé ao lado da minha cama. Lavado, passado e com os pentelinhos bem penteados. Começa a me puxar pelo braço.

Vamos levantando, fofa, que já está na hora de ir.

Eu, nessa, pensando: “Como assim na hora de ir? Para onde? Hoje é sábado, seu anta, sá-ba-do, e é antinatural acordar antes do meio-dia. Me deixa dormir que daqui eu não levanto”.

Vamos nessa, lindinha, que papai e mamãe já estão com tudo preparado para o café.

Merda, era isso, claro, papai e mamãe, chegou outra vez a temida hora de visita à família, hora de rever os bichos-papões dos sogros. Uma hora e meia de carro até o gueto de Uithoek, uma dessas cidadezinhas atrasadas onde o povo se aferra a uns valores incompreensíveis. Onde falam só em língua de Canaã e em “uithoekense”, um dialeto remotamente derivado do holandês, mas que, de incesto em incesto, foi sendo esvaziado de tudo: de significado, de estruturas gramaticais e de civilidade. Onde riem da sua cara se você fala de maneira inteligível. Uithoek, onde eu exercito o meu sorriso e, fora da vista dos demais, no banheiro, imploro o golpe de misericórdia. De onde volto

para casa no sábado à noite podre de cansada e ainda tenho de passar uma hora do lado da privada por causa da cozinha uithoekense, que terroriza os meus intestinos.

Domingo é o nosso dia. Num passado remoto, começava com longas caminhadas no bosque; depois dávamos um pulo até algum bistrô aconchegante, mas essa etapa é saltada hoje em dia para chegar o mais rápido possível no bistrô. E logo mandar ver no álcool, para não ver o fim de semana passar. E voltar a trabalhar na segunda pela manhã com uma ressaca daquelas.

Ai, não!

Ai, não estou com vontade nenhuma de ir!

Afinal, puta que o pariu, é fim de semana. Quero é entrar no carro e pisar no acelerador e ver onde vou parar. É o **meu** fim de semana. Só meu. Vou fazer o que me der na telha e fim!

...

Preciso de gasolina, o que é difícil, assim de bolso vazio, mas não impossível. Vou ter que confiar na bondade do próximo, mas, se ela brilhar pela ausência, o meu sentido de improvisação nunca me abandona. Olho ao meu redor. Gasolina. Algum recipiente para ela. Um galão. À beira do posto, na vegetação rasa de galhos secos, vejo uma bela pilha de galões vermelhos. Perfeito.

O lugar começa a encher de gente. Estão voltando do trabalho, estão com fome, e os carros, com sede. Os caminhoneiros vão comer algum hambúrguer ou quibe, e os adúlteros se despedem, entrando cada um nos respectivos carros, a caminho de casa e da felicidade do lar familiar. O estacionamento se transforma no ponto de intersecção de todas as vidas em trânsito, e, no meio de tanto movimento, a minha própria chama menos a atenção. Vou andando até o posto a passo lento, pego um galão, e volto dali como fui. Alguém viu alguma coisa? Não, passei despercebida.

É a primeira vez que alguma coisa dá certo hoje.

Como eu consigo agora gasolina para pôr dentro do galão? Não posso ficar plantada entre os carros ao lado da bomba de gasolina. Seria dar bandeira. Sem falar das câmeras de segurança. Seria vista. Vou ter que roubar dos carros no estacionamento.

E fazer um sifão.

Vi fazerem isso em filmes mil vezes, de maneira que não pode ser tão difícil.

Vou ter que fazer sifão dos tanques.

Para atingir esse objetivo, preciso de um galão.

Confere.

E de um pedaço de mangueira.

...

Mas é claro!

Pego o meu galão e vou me esgueirando pelos arbustos. É onde encontro uma bicicleta enferrujada. Levanto com as unhas a borracha exterior e a puxo até aparecer a câmara de gás, que eu arranco cortando com os dentes. A minha mangueirinha.

No meio tempo já começou a escurecer, e eu me movo como um gato pardo. Numa das extremidades do estacionamento para um carro caindo aos pedaços. Desce o motorista, que, com umas galochas de pele de cobra, vai se arrastando pesadão até o posto.

É quando eu entro em ação.

Vou com cautela até o carro, forço a tampa do tanque e faço a mangueirinha entrar. Aplico a outra extremidade nos lábios e chupo. A gasolina esguicha na mesma hora para dentro da minha boca. Dou uma tossida, e o combustível me escorre pelo queixo, pelas mãos e pela roupa, mas consigo ainda despejar um ou dois litros para dentro do galão antes de a mangueirinha escapar das minhas mãos e desaparecer no tanque. Merda. Cuspo para tirar da boca o gosto da gasolina. Um pouco eu devo ter ingerido. Solto um arrote, uma mistura azeda de bile e gasolina me sobe até a garganta. Limpo o vômito da boca com a manga e tento fisgar a mangueirinha de dentro do tanque, mas ela foi centrifugada e engolida por um buraco negro.

Um ou dois litros. Totalmente insuficiente para se chegar à América.

...

Uma americana jamais chuparia um tanque até esvaziar e menos ainda com a cara sangrando, um hematoma sobre o olho, uma unha quebrada, vômito nas mangas, fedendo a mijo e gasolina, como uma michê tailandesa tentando arrancar um dólar de um turista alemão. Uma americana se levantaria para gritar: *this is about as much shit as I can take*. Uma americana reclamaria os seus direitos inalienáveis, os direitos à *life*, à *liberty* e à *fucking pursuit of happiness*!

É quando sinto uma sombra atrás dos ombros.

...

'Tá com sede, hein?

O meu coração vai parar na garganta e daí quer pular para fora da boca, mas eu o consigo engolir de novo, e dou meia volta.

Acaba pesando no estômago. Os primeiros goles, ainda tudo bem, mas passado um tempinho começa a pegar fogo. E aí não tem sal de frutas que dê conta do recado.

Está encostado no carro. As galochas de pele de cobra, os olhos de cobra. Bebericando café de um copo plástico.

Eu sei de uma coisa bem melhor, se você quiser entrar no carro.

Segura a porta, e eu entro. O carro está atulhado de garrafas, latas, bitucas e maços de cigarro. Tira uma garrafa sem etiqueta de debaixo do assento.

Talvez não tão chique como a dama aí está acostumada, mas dá para o gasto. Fui eu mesmo que destilei.

“Tchin-tchin”.

Levo o gargalo à boca, bebo e tusso a metade do trago pelo carro.

Dá uma boa levantada, não dá?

Faço que sim e tomo outro gole. Gostoso. No meu estômago, as labaredas ainda abrasando. Ele me oferece um cigarro, aceito com prazer. Fumamos. Bebemos. Numa boa.

Nada mais me preocupa. São tantas as coisas com que você pode se preocupar que, se embarcar nessa, as preocupações vão acabar levando à ansiedade, e a ansiedade, ao medo. Quando você menos espera, percebe que não faz outra coisa que ter medo. Medo por conta de uma pinta na pele e uma fissura na parede de casa, medo da própria sombra por estar atrás de você. Medo do mundo porque ele gira sem você saber onde está o comando. Nem o freio. Medo de ficar enjoada viajando de carro, de todo esse torvelinho o dia inteiro. Medo de errar. Medo de fazer o bem ao próximo e se esquecer de si próprio; afinal de contas, você também tem as suas necessidades. Medo de ser uma cagona, uma imprestável, uma corredora numa pista de tênis; medo de apostar sempre pela cor negra, enquanto a roleta só acaba no vermelho, algo que qualquer outra pessoa saberia. Medo do mundo por ele ser tão pequeno, já que alguém com intenção de fazer mal a você só precisa dar alguns passos para estar ao seu lado. Medo de fazer uma escolha, porque, se você não faz, também não tem como fracassar. Mas aqui, do lado do meu novo amigo, bebendo juntos e brindando à vida em silêncio, aqui, sim, é que está bom. Aqui eu sou americana. Aqui eu não tenho o que temer. Aqui não existe nada que possa me assustar.

É quando o Lugar Vazio entra no estacionamento e me dá o maior susto.

...

Antes que ele me encontre com os faróis altos, me abaixo no assento. O Homem-Cobra dá uns risinhos.

Namorado?

“Algo do tipo”.

Como é que ele sabe que eu estou aqui? Será que o meu grito telepático por socorro alcançou a sua mente? Será que ele anda se exercitando no tempo livre para virar super-herói? O Lugar Vazio na qualidade de salvador dos desesperados? É quando vejo que ele não está sozinho. Do lado dele há uma sombra. De mulher. Ela abre a porta do carro e a luz se acende. A Pentelhuda. Nem mais, nem menos.

What... the... fuck ela ‘tá...?

Quer descer do carro, mas muda de ideia e se atira contra o Lugar Vazio, e eles começam a trepar de tal jeito que fazem o mundo tremer. E isso que ela está mais prenhada que uma vaca, mano! Aí ela desce, beijo-beijo pão-de-queijo, destrava o próprio carro, mãozinhas no ar, tchau-tchau, entra no

carro e sai dirigindo para longe. O Lugar Vazio a fica vendo se afastar. Excitado, ainda. Apaixonado. Um hamster com os miolos derretidos. Tomo outro gole e olho para o Homem-Cobra. O Homem-Cobra lambe os beiços, faz que sim e acelera. E se enterra em cheio na lateral do carro do Lugar Vazio. O Lugar Vazio se assusta, xinga, já vai tirando um formulário de danos materiais do portaluvas e desce do carro. É quando ele me vê.

*Mac?, diz, vindo na minha direção. O que é que **você** está fazendo aqui?*

Travo portas e janelas do carro, e o Lugar Vazio começa a forçar a maçaneta. Por quê, se ele está vendo muito bem que eu acabei de trancar o carro? Por que é que ele só entra em ação quando percebe que já é tarde demais?

Mac! Não é o que você está pensando, Mac!

“Arranca daqui, já!”.

O Homem-Cobra sai guinchando os pneus. O Lugar Vazio fica para trás, contemplando o vazio. Só começa a correr quando o Homem-Cobra embica para pegar a estrada. Tarde demais, palhaço, mais uma vez. O Lugar Vazio se transforma num bonequinho de Lego, num ponto e desaparece.

E agora, para onde nós vamos?

“E eu lá sei? Para longe. Longe daqui”.

Você poderia ser uma pouco mais específica? Longe daqui são todos os lugares.

“Ótimo, para lá mesmo é que nós vamos. Para todos os lugares”.

Tomo um gole.

“Não, tenho uma ideia melhor. Vamos para Nova Iorque! Para a estátua da liberdade, para dar um murro na cara dela, a *bitch*. Aí roubamos a tocha e botamos fogo em Manhattan. Roubamos a coroa e nos autodeclarámos Rainha da América!”.

O Homem-Cobra faz que sim. Ele entende. Me entende. Vai me levar para Nova Iorque. Vai me levar para a América, e lá eu serei uma americana. Nós nos entendemos.

Você cheira bem assim, diz, não tão... empetecada. Porque, claro, esse é o seu cheiro. Delicioso. Esse tipo de cheiro é raro, nos dias de hoje. Gosto. Gosto mesmo.

“Obrigada”.

Não tem muito movimento na estrada, ainda. Ainda porque normalmente se veem mais acidentes. Mas a noite é uma criança. Logo logo começa a bebedeira. Começam as trombadas, as portas dos carros escancaradas com as colisões. Temos de ter paciência. Temos tempo. Paciência em nós é o que não falta.

Põe a mão sobre o meu joelho. Os olhos, brilhando.

Nós temos todo o tempo do mundo.

Eu bem que podia estar agora esparramada no sofá de casa. No meu lar. Mas, não, a minha bocetinha tinha porque tinha que sair. Foi para o centro, por conta própria, sorver para dentro de si a noite, que ela devora com cabelos e tudo. Assim sendo, lá vou eu atrás dela. Não posso deixar a minha bocetinha fazer todo o trabalho sujo sozinha. Não posso lhe delegar tudo, pobre bocetinha, e é por isso que eu estou agora do lado dela, da minha bocetinha, a minha bocetinha e eu.

Ponho uma mão sobre a mão do Homem-Cobra.

Não que ela seja tão especial, um bicho sem pelo e com uns grandes lábios recalcitrantes. Uma espiral de chantilly sem açúcar. Mas é aquela coisa: não se devem deixar as bocetinhas do mundo soltas por aí. De maneira que acompanho a minha, vida adentro. Não sou das do tipo que fazem viseira com as mãos sobre os olhos, para rebotar a vida de si. Eu já vou dando logo a cara para que ela me bata em cheio.

Ponho a mão sobre a braguilha do Homem-Cobra.

Assim sendo, hora de cair na noite, eu e a minha bocetinha. Somos uma lata de lixo cheia de serpentes, um espelho mágico empanado, um mortuário onde os homens da noite encostam a cabeça cansada, assim que o dia raia, para dar o seu último suspiro. Não somos nada, e por isso mesmo somos tudo.

Aperto com as garras a braguilha do Homem-Cobra e esfrego até ela brilhar.

Procuro alguma presa no cais, por onde se içam os afogados à terra. O cais sou eu. Nas paradas dos caminhoneiros, onde os homens, saudosos, procuram a própria mãe em cada mulher. A mãe deles sou eu. Na periferia, onde as putas alugam os corpos, onde os sem-dinheiro esperam algum milagre. Um pequeno milagre. Esse pequeno milagre sou seu.

Abro as calças do Homem-Cobra e me seguro. Ele acelera. Acelera.

É porque eu estou com fome. Sou como uma cria de leão. Se você não lhe dá de comer a tempo, ela mostra as garras e come você. Por isso é que eu tenho de saciar a minha fome a intervalos regulares.

Aperto a cabeça contra o colo do Homem-Cobra. E o enfio na boca.

Me deixo esfregar contra os muros da vida até que as minhas costas fiquem em chamas, até que eu mesma vire uma chama. Me deixo empurrar para dentro dos pórticos, ranjo os dentes com a maçaneta dentro da boca. A minha cabeça bate à porta de desconhecidos ao ritmo das investidas. Me deixo arrastar de joelhos sobre o asfalto até ficar toda esfolada. Afugento os gatos da noite com os meus gritos agudos. Mastigo as unhas, mastigo sangue.

Só se a foda for boa mesmo é que eu começo a sangrar.

A vergonha eu deixei agora em casa. Chutei para debaixo da cama como um par de meias sujas. Trago em mim o Homem-Cobra, o empurro contra a garganta até ele entrar. É quando percebo que o carro está parado. Cuspo tudo.

“Por que é que nós paramos?”.

Não para agora, agora não!

Eu me levanto e olho para fora. Estamos no cais do porto. À nossa frente, um navio-tanque enferrujando, e as gaivotas, rindo de nós.

“Aqui não é Nova Iorque”.

Não desanima, vamos, já está quase!

Me puxa pelos cabelos e me empurra a cabeça para baixo. A ereção dele, vibrando. É só dar uma assopradinha que ele goza.

“Você tinha me prometido Nova Iorque”.

Te dou dez paus se você terminar o serviço.

Me empurra com mais força, me puxa pelos cabelos.

“Espera, espera que eu vou te contar uma piada! Uma piada do Victor, do Victor!”.

Mulher, trata de acabar o serviço!

“Mas é que é uma piada ótima! Dois porcos debaixo do chuveiro, não, ‘pera, na banheira...”.

Ele continua empurrando.

“Ah, e eram porquinhos em vez de porcos. Dois porquinhos na banheira, não, ‘pera...”.

Não me lembro mais. Não me lembro mais da piada do Victor. É quando o Victor me empurra de tal jeito contra a rola que eu me engasgo enquanto ele goza e a minha boca vai se enchendo com o sêmen dele e eu me esqueci da piada do Victor e isso era a única coisa que eu tinha prometido ao Victor e quebrei a promessa e o Homem-Cobra me penetra a garganta e eu fico sem ar e a minha mandíbula se fecha.

O Homem-Cobra solta um grito estridente.

Leva as mãos ao regaço e guincha. Eu saio voando do colo dele.

Sinto a glândula dele jazendo sobre a minha língua.

O sêmen, o sangue e a glândula dele jazendo sobre a minha língua.

Desatarraxo a rosca do galão e cuspo para dentro dele a glândula, que aterriza sobre a gasolina com um plaft. Agarro a garrafa e dou um gole para tirar o gosto ruim dele da boca. O resto da beberagem eu despejo no galão. Todo combustível que eu for encontrando é lucro. Pelo andar da carruagem, vou ter que achar sozinha o caminho para a América.

O Homem-Cobra continua guinchando, com as mãos na genitália. Pego os cigarros dele, abro a porta e desço...

“Obrigada pela carona”.

Estou na boca com gosto de zona de prostituição ilegal. Gasolina e cinzas, sangue e bile, sêmen e bebida destilada em casa. O gosto dele na boca, ainda. Antes de ir para o carro tenho de qualquer

jeito que me livrar deste gosto. Tenho que enxaguar a boca com álcool. Tenho que me desinfetar. Só deixam entrar na América os saudáveis.

O bar do cais do porto onde entro está abarrotado de marinheiros sem porto nem navio. Encalhados num balcão, antes mesmo de a primeira rajada de vento rasgar a vela em mil tiras. Eu sou a primeira sereia que eles veem com os próprios olhos e ovacionam a minha entrada como o primeiro terra-à-vista após anos com escorbuto, vagando sem rumo numa bacia flutuante de papelão.

Abrem alas e me fazem um lugar ao balcão. A banquetta é o meu trono e o cinzeiro a minha coroa. Abrem outro barril de chope e, antes de eu dar por mim, estou empunhando um copo sem fundo de material desinfetante. Cada gole vai limpando e me abrasando por dentro.

Aí me pedem para dançar.

O barman põe música a todo volume. Me erguem e me põe em cima da mesa. Danço. Os homens vão me acendendo e eu danço. Batem os pés no chão, dão murros sobre as mesas e eu danço. Os pés dentro dos meus sapatos vermelhos vão se trançando com tal velocidade que eu decolo da mesa. Flutuo acima dos homens, acima das mãos estendidas que tocam em mim, que tocam ao redor de mim, que tocam dentro de mim e de tudo o mais suscetível de abertura, em tudo em mim que represente um acesso de entrada.

É quando solto um peido, me esvazio e despenco no chão.

...

A música foi desligada. Os homens colocam os cotovelos de volta nos buracos no balcão modelados pelo uso. E eu, esparramada no chão, em meio à minha própria merda fedendo a gasolina.

“Foi joia, mas já deu, rapaziada, está na hora de eu ir. Tenho uma longa jornada pela frente e, por mais que eu queira parar o relógio, as horas continuam se escoando”.

Preciso voltar para o carro. Pegar as chaves e entrar no carro. Preciso ir para a América. Pego o galão e saio andando com a cabeça erguida. A diarreia me escorre pelos joelhos, pelos sapatos. O vento frio me surpreende como um tapa na cara, mas eu revido, e começo a mancar e curvar as costas.

Cair, eu não caio.

Eu curvo as costas.

Mas me recuso a cair.

Dou um passo para endireitar as costas, mas eu me curvo com mais rapidez do que ando, e dou outro passo para me adiantar à queda. E outro, que não consigo mais parar em pé, de maneira que não paro de dar passos, cada vez mais apertados. Quando eu dou por mim, já estou correndo. O queixo para frente, as pernas para trás. Não posso parar de correr, senão eu vou para o chão.

Corro. Vejo tudo vermelho, mas continuo correndo. As minhas pernas sabem para onde eu tenho que ir. Correndo, passo por casas de gente com insônia, só na vigília, e de gente brigando. Dão voz à

insatisfação através de gritos estridentes, mas logo, quando caírem um no braço do outro, rindo convulsivamente com um riso asmático, não vão estar abraçando a ninguém mais que a si mesmos. Torcendo sempre para ver como imagem no espelho só mesmo a sua própria, de boca escancarada. Corro.

Corro até as estrelas diante dos meus olhos explodirem. Corro até os pulmões estarem cheios de oxigênio. Até a câibra repuxar as batatas das pernas e a pele na sola do pé estiver esfolada. Corro até as minhas artérias arrebentarem e o sangue começar a esguichar pelos ouvidos. Corro até não mais ameaçar cair.

E quando eu deixo de correr. Quando a minha respiração me ultrapassa e me penetra nas vias respiratórias. Quando a força da gravidade pouco a pouco toma conta dos meus ossos e me freia, me imobiliza. Quando eu me imobilizo.

Quando eu me imobilizo.

Mantenho os olhos ainda fechados.

Mantenho os olhos fechados porque sei que eu posso abrir só uma vez. Sei que só posso ver uma única vez onde eu estou para a partir de então não poder mais estar em nenhum outro lugar. Mantenho os olhos fechados.

Quando chego em casa, toco a campainha. E, quando a porta se abre, me deixo cair nos braços do Lugar Vazio. Ele me ergue e eu deixo. Deixo ele me levar para o andar de cima, deixo ele tirar a minha roupa e deixo ele me lavar. Deixo ele então me secar com uma toalha-lixo, até que a minha pele fica vermelha e eu esquento... Deixo ele então me levar para a cama, deixo ele me cobrir com o cobertor, deixo ele se enfiar do meu lado. É aí que eu me dou a ele, incondicional, eternamente.

Abro os olhos.

E vejo os arcos dourados do inferno amarelo e vermelho.

...

As portas do McDonald's se abrem com um zunido e antes mesmo de eu dar um passo já vem vindo o gerente da loja na minha direção. Tem uma cara resoluta, mas, através das rugas na testa saltam os seus nervos para fora.

Pede-se que a senhorita deixe este recinto imediatamente.

Avanço um passo, e o gerente recua. Está com medo de me tocar, medo de se contaminar com a minha degeneração fétida. Avanço outro passo.

Senhorita, a polícia está avisada e para chegar.

Eu continuo avançando até que ele fica acurrado contra o balcão. O rapaz dos cachos desaparece para dentro da cozinha, para detrás das pilhas de hambúrgueres.

“Eu só quero resgatar as minhas chaves. Eu vou embora numa boa, mas preciso das chaves. Ele roubou as minhas chaves. Eu quero as minhas chaves de volta!”.

O rapaz pega uma espátula da chapa com os hambúrgueres e a aponta na minha direção.

Essa aí é louca de jogar pedra, não tenho a menor ideia do que ela está falando, é uma ensandecida.

Pulo para cima do balcão.

“Eu tenho que ir para a América, me dá as minhas chaves de volta!”.

O rapaz vem brandindo a espátula para cima de mim. O gerente vai correndo para a entrada e se esconde atrás de dois policiais vindos do outro lado, que me fecham no cerco.

Senhorita, se nós mantermos a calma é como se não tivesse acontecido nada.

“Não se aproximem!”.

Grito para os policiais.

“Parados! Já! Parados!”.

Se a senhorita fizer o favor de descer daí, podemos conversar com calma.

Levo o galão para em cima da cabeça e seguro nessa posição. O rapaz da espátula sen entrincheira de novo atrás dos hambúrgueres.

Senhorita, faça o favor de soltar esse galão.

Fico dura no mesmo lugar. Os policiais se entreolham.

Senhorita, solte esse galão.

O galão, sobre a cabeça. Vou tateando até encontrar a rosca.

Senhorita, eu a intimo a soltar agora esse galão!

Um policial pega o cassetete, o outro o telefone sim fio. Eu desenrosco a tampa do galão e despejo sobre mim a gasolina e a bebida destilada em casa, generosamente, até a última gota. E essa última gota traz consigo a glande, que se choca contra a minha cabeça, rebotando sobre o balcão, despencando daí para sair rolando pelo chão fácil de limpar e ir parar aos pés dos policiais. Olham para o pedaço de carne, um para o outro, para mim.

“A presente não é, repito, não é uma missão humanitária”.

Pego um cigarro do maço do Homem-Cobra e o prendo entre os lábios.

“Os americanos dizem: não se trata de um exercício. Os americanos dizem: não viemos fazer as pazes. Repito: **não** viemos fazer as pazes”.

Sou americana. Não se trata de um exercício. Não venho fazer as pazes. Apanho um fósforo do Homem-Cobra e acendo o meu cigarro.

...

O homem que ficou o tempo todo calado num canto, o homem de plástico, desce do pedestal e vem até mim. Algo de familiar ele tem. O sorriso, talvez? Ou sou eu querendo tanto que o sorriso dele me pareça familiar que o acaba sendo? Nos encontramos então ambos dentro de um torvelinho de chamas. Rio para ele.

Ele diz, vamos desabotoando essa blusinha e abaixando essa saínia aí. Mostro a ele a minha barriguinha. Ele sorri, e o sorriso deixa transparecer tristeza. Essa tristeza faz com que ele me pareça ainda mais familiar.

Ele diz, eu me empetequei. Maquiei a cara e passei batom vermelho. Pus peruca, vesti um terno, e uns sapatos alguns números maiores que o meu.

Ele diz, as pessoas não acreditam mais no sofrimento, o sofrimento as repele, fogem como o diabo da cruz. Assim sendo, em vez de sofrer, optei pela piada. Aliás, diz ele, não há muita diferença entre o sofrimento e a piada.

Toca o meu umbigo.

Ele diz, se eu tirar as luvas, posso sentir o seu umbigo melhor. E tira as luvas. E sente o meu umbigo melhor. Começa a puxar a minha blusinha. Estou usando um sutiã velho, mas não estou nem aí, porque os meus peitos ficam lindos até em sutiã velho.

Ele diz, eles me entenderam mal.

E toca os meus peitos.

Ele diz, eu dei a eles o meu corpo, mas eles o esmagam entre duas fatias de pão e uma rodela de picles.

Segura os meus peitos.

Ele diz, eu dei a eles o meu sangue, que misturam com gelo e tomam de canudinho.

Aperta os meus peitos.

Ele diz, não importa o que eles façam. Justamente **porque** eles o fazem é que não importa.

Ele diz, posso tirar também? Abro o fecho do sutiã, que me desliza pelos braços.

Ele diz, vou tirar o meu casaco, que estou com calor, vou tirar o casaco, é um segundo.

Tira o casaco e arregança as mangas listradas.

Ele diz, eu me desfiz da cruz. A cruz é uma sinalização para parar: até aqui e fim. Eu me desfiz da cruz, e a substituí por portões dourados.

Ele diz, eu dei a eles um horizonte, um horizonte para onde eles podem ir andando. E se eles não quiserem andar, ficam pelo menos com a vista. Vista para o horizonte.

Ele diz, a sua saínia, abre o zíper.

Abro o zíper e chuto a saínia para longe.

Ele diz, a sua calcinha, a sua calcinha está no meio do caminho.

Deslizo a calcinha pelas pernas.

Ele diz, pois é, agora eu estou vendo. Estou vendo e entendendo.

Ele diz, em vez da fantasia de estar pregado na cruz, eu me fantasio de palhaço. Quando você estiver cansada, e as pessoas andam tão cansadas, quando você estiver cansada, então é que eu venho a você.

E arranca o cinto da cintura, e as calças despencam sobre o chão.

Ele diz, a sua postura não facilita. Se vira e se inclina para frente. Agora, sim, agora, sim, você está me dando acesso.

Eu me viro e me inclino para frente.

Ele diz, agora, sim, eu achei o caminho.

Ele diz, a minha palavra será carne, a carne endurecerá.

Ele diz, não posso aliviar sofrimentos.

Ele diz, não a posso consolar. Só a posso rapidamente preencher. Você tem que ser preenchida de vez em quando. Uma pessoa que se preenche dá um tempo no sofrimento. Se uma pessoa não se preenche, esvazia. E uma pessoa esvaziada começa a roncar.

Ele diz, a minha carne a preencherá. Para que você passe alguns segundos de roncar.

E ele me preenche.

Se esse ronco aí não cessar, você desmaia como uma pessoa esvaziada. Por isso é que você tem de se deixar preencher, para não desmaiar. Mas não confunda isso com consolo.

E me deixo preencher.

Ele diz, pronto.

Ele diz, eu gostaria de que você soubesse o que tem de fazer agora, mas não posso dizer nada.

Não importa, digo. Ele diz, então você sabe? Sabe o que tem de fazer agora? Não, digo. Não sei. Mas não importa.

Nada do que eu faço importa.

Por eu fazer é que não importa.

..... **FIM**

